

***MARCAS ENUNCIATIVO-DISCURSIVAS NAS HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS (HQs): UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE TEXTO  
COMO DISCURSO***

**Por**

**Alessandro da Silva Messias  
(Aluno do Curso de Mestrado em Letras Vernáculas)**

**Dissertação apresentada como  
exigência parcial para obtenção  
do grau de Mestre em Letras  
Vernáculas, sub-área Língua  
Portuguesa, sob a orientação  
da Professora - Doutora Maria  
Aparecida Lino Pauliukonis**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Letras  
2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

***MARCAS ENUNCIATIVO-DISCURSIVAS NAS HISTÓRIAS EM  
QUADRINHOS (HQs): UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE TEXTO  
COMO DISCURSO***

**Alessandro da Silva Messias**

**Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Faculdade de Letras  
2006**

## EXAME DE DISSERTAÇÃO

MESSIAS, Alessandro da Silva. *Marcas enunciativo-discursivas nas Histórias em Quadrinhos (HQs): Uma proposta de análise de texto como discurso*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.

### BANCA EXAMINADORA

---

Professora-Doutora Maria Aparecida Lino Pauliukonis (UFRJ)  
(Orientadora)

---

Professora-Doutora Regina Célia Cabral Angelim (UFRJ)

---

Professora-Doutora Lygia Maria Gonçalves Trouche (UFF)

---

Professora-Doutora Leonor Werneck dos Santos (UFRJ)

---

Professor-Doutor André Crim Valente (UERJ)

Examinada a dissertação em

Resultado/ Apreciação: \_\_\_\_\_

*A Deus e a Nosso Senhor Jesus Cristo,  
Obrigado por tudo em minha vida!*

*Ao Meu Orixá, Meu Rei, Meu Pai Xangô,  
Meu guardião em todas as horas.  
**Kaô Kabiecile!!!***

*À Minha Mãe Oxum, Senhora das Águas Doces!*

*A Todos os Orixás do Candomblé,  
Adupé!*

*À Minha Mãe e ao Meu Pai,  
Pilares e Alicerces da Minha Existência,  
Meus Verdadeiros Amigos!!!*

*À Minha Orientadora  
Maria Aparecida Lino: sempre solidária,  
Atenciosa e gentil! Muitas Lições sobre Linguagem!!!  
Obrigado pelo voto de confiança!*

*Aos meus colegas de magistério!*

*Muito AXÉ para todos!*

*Língua*

*Esta língua é como um elástico  
que espicharam pelo mundo.*

*No início era tensa,  
de tão clássica.  
Com o tempo, se foi amaciando,  
foi-se tornando romântica,  
incorporando os termos nativos  
e amolecendo nas folhas de bananeiras  
as expressões mais sisudas.*

*Um elástico que já não se pode  
mais trocar, de gasto;  
nem se arrebenta mais, de tão forte.*

*Um elástico assim como é a vida  
que nunca volta ao ponto de partida.*

*( Gilberto Mendonça Teles)*

## **SINOPSE**

Estudo das ocorrências de marcas enunciativo-discursivas das Histórias em Quadrinhos: Implícitos - pressupostos / subentendidos, ambigüidade, ironia e polifonia; com vistas à uma aplicabilidade pedagógica da Gramática Textual, prescrito pelos PCN; bem como a viabilidade das práticas de leitura, interpretação e produção de textos.



## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>09</b>
<b>1.1. Tema .....</b>	<b>15</b>
<b>1.2. Justificativa da escolha do gênero .....</b>	<b>15</b>
<b>1.3. Fundamentação Teórica .....</b>	<b>16</b>
<b>1.4. Objetivos, Problemas e Hipóteses .....</b>	<b>18</b>
<b>1.4.1. Objetivos .....</b>	<b>18</b>
<b>1.4.2. Problemas .....</b>	<b>20</b>
<b>1.4.3. Hipóteses .....</b>	<b>21</b>
<b>1.5. “Corpus” e Metodologia .....</b>	<b>21</b>
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE</b>	
<b>BENVENISTE .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1. A Enunciação e a relação entre língua / linguagem .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2. O Conceito de Subjetividade do ponto de vista enunciativo .....</b>	<b>24</b>
<b>3. GÊNEROS DO DISCURSO E TIPOS TEXTUAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>3.1. A Questão dos Gêneros do Discurso .....</b>	<b>32</b>
<b>3.2. A Questão dos Tipos Textos .....</b>	<b>38</b>
<b>3.3. As Seqüências Tipológicas .....</b>	<b>41</b>
<b>3.3.1. A Seqüência Narrativa .....</b>	<b>41</b>
<b>3.3.2. A Seqüência Descritiva .....</b>	<b>41</b>
<b>3.3.3. A Seqüência Argumentativa .....</b>	<b>42</b>
<b>3.3.4. Seqüência Explicativa ou Expositiva .....</b>	<b>43</b>
<b>3.3.5. Seqüência Injuntiva ou Instrucional .....</b>	<b>44</b>
<b>4. O PROCESSO DE INFERENCIAÇÃO E A ANÁLISE DO CORPUS .....</b>	<b>45</b>
<b>4.1. O Processo de Inferenciação e os modelos cognitivos globais .....</b>	<b>46</b>
<b>4.2. As Inferências e a representação mental .....</b>	<b>47</b>
<b>4.3. O Processo da Interferência através das marcas enunciativo-discursivas .....</b>	<b>48</b>
<b>4.3.1. Os Implícitos: Pressupostos e Subentendidos nas HQs .....</b>	<b>49</b>
<b>4.3.2. A Ambigüidade .....</b>	<b>51</b>
<b>4.3.3. A Ironia .....</b>	<b>51</b>
<b>4.3.4. O Discurso Polifônico .....</b>	<b>53</b>
<b>5. ANÁLISE DO CORPUS .....</b>	<b>56</b>

<b>6. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS PCN: PROPOSTA DE TRABALHO COM AS HQS EM SALA DE AULA, APLICANDO CERTAS ESTRATÉGIAS DE LEITURA .....</b>	<b>79</b>
<b>7. CONCLUSÃO .....</b>	<b>94</b>
<b>8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>96</b>
<b>RESUMO .....</b>	<b>99</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXOS</b>	

## 1. APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

*A palavra está sempre carregada de um conteúdo ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Mikhail Bakhtin)*

Muito se discute sobre “fórmulas mágicas” de se ensinar a redigir um bom texto. Alguns afirmam que tornar-se um leitor atento de bons textos, assumir uma postura crítica ante a variedade textual que se apresenta em nosso cotidiano, dominar recursos lingüísticos básicos e refletir sobre a realidade são requisitos fundamentais para, ao longo do tempo, aprimorar a qualidade da escrita de nossos textos. Um leitor desatento é incapaz de interagir com o texto lido, pois não reconhece o texto como uma leitura de mundo e não capta subsídios para a produção de seus próprios textos. O primeiro passo para que nos tornemos competentes produtores textuais, portanto, é que sejamos leitores atentos e atuantes.

Em uma sociedade letrada como a nossa, a cada dia, publicam-se mais livros, jornais e revistas de variados tipos, em diferentes suportes. Isso porque a palavra escrita ainda é uma das formas mais utilizadas para informação e entretenimento; grande parte do conhecimento que nos é apresentado é veiculado pela linguagem escrita. É lendo e escrevendo que nos inserimos no mundo e participamos dos vários ramos do saber. O ato da leitura não só ajuda a descodificar os mecanismos básicos de compreensão da língua, como também é fonte de aprimoramento de idéias, essenciais na tarefa de escrever.

Dessa forma, um dos objetivos principais da Escola atual é o aperfeiçoamento dos alunos na “arte” de ler, interpretar e produzir diferentes gêneros textuais com competência. É o que se pode inferir do que afirmam os PCN:

*A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificação letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de um atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem os quais não é possível*

*proficiência.É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido(...) Um leitor competente é capaz de ler nas entrelinhas , identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre texto e seus conhecimentos prévios ou entre texto e outros já lidos. (BRASIL, MEC/SEF, PCN, 1998, p.69 e 70)*

Por causa da importância conferida ao texto como unidade de sentido, no ensino de Português atualmente, muito se tem questionado sobre mudanças de paradigma também no ensino da Gramática em geral.

Segundo Koch (2001), a linguagem tem sido analisada, sob vertentes, que englobam três concepções distintas. A primeira delas diz respeito a linguagem como representação; ou seja, o homem utiliza a linguagem como espelho e, nesse caso, a função precípua da língua seria representar o pensamento e ser espelho do mundo ou do conhecimento que o homem apresenta sobre o mundo. A segunda analisa a língua, do ponto de vista do sistema, e segue os preceitos básicos de Saussure. Nesse caso, a língua é, simplesmente, vista como um código, por meio do qual o homem exterioriza suas informações. A terceira vertente, - pela qual se guia nossa pesquisa - , observa a linguagem do ponto de vista da interação. Isso significa que o indivíduo, ao utilizar a linguagem, não quer apenas transmitir informações ou exteriorizar seu pensamento, mas realiza ações por meio da linguagem e atua sobre o interlocutor, buscando interagir com ele e influenciá-lo.

Portanto, sob esse recorte, a linguagem deve ser concebida no espaço da interação humana, uma vez que a produção de sentidos é feita numa dada situação de uso, num contexto sócio-histórico e ideológico específico. Assim, pode-se afirmar, na esteira de Benveniste: “(...)é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito em relação a um Outro” (BENVENISTE,1976, p.286).

Endossando o discurso desse autor, no que tange à perspectiva da linguagem a partir da interação entre os interlocutores, Ingedore Koch assevera :

*A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade. Como ser dotado de razão e vontade , o homem , constantemente , avalia , julga ,*

*critica , isto é , forma juízos de valor. Por outro lado, por meio do discurso \_ ação verbal dotada de intencionalidade \_ tenta influir sobre o comportamento do outro ou fazer com que compartilhe determinadas de suas opiniões. É por essa razão que se pode afirmar que o ato de argumentar , isto é , de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões , constitui um ato lingüístico fundamental , pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia... (Koch, 2004, p.17)*

Ancorados nas conclusões desses dois autores, surgem algumas questões que gostaríamos de analisar neste trabalho: de que modo as teorias e as pesquisas lingüísticas interferem nos processos de leitura e produção de textos e no trabalho com a língua? Em que medida essas mesmas teorias podem, na sala de aula, contribuir para um ensino que forme leitores mais competentes?

Os estudos mais recentes da linguagem, que constituem as várias correntes da Análise do Discurso procuram elucidar o funcionamento dos processos comunicativos e os procedimentos de constituição de sentidos, numa contribuição decisiva para novos rumos na área de ensino de da leitura e na produção de textos.

Já é consenso que a língua é o sistema de signos, reunidos em um Código mais amplo e complexo que permite a comunicação. Ela é capaz de exercer várias funções, entre elas, sua função primordial: permitir a interação. Constitui a matéria básica de atos de cooperação, oposição, tensão, dominação, persuasão etc. Como cada ato de fala é carregado de uma intencionalidade, esta deve ser compreendida pelo interlocutor.

A grande questão que se propõe, então, centra-se nesse ponto: como se produz o sentido? Ou o que produz sentido nos diversos atos de fala? As novas teorias sobre o discurso, de cunho enunciativo estabeleceram, com Bakhtin e Benveniste, alguns conceitos que foram desconsiderados pela abordagem estruturalista: a constituição do enunciado em face de sua enunciação, a figura dos interlocutores em ação, a cena enunciativa e os jogos ou “lances” do processo interacional, enfim, essa é uma perspectiva pragmática da linguagem que leva em conta também outros códigos além do verbal, - o não verbal, por exemplo-, que realça a importância da relação forma/sentido. Sob esse aspecto, em textos que se constituem dos dois códigos (verbal e não – verbal) a

matéria lingüística é apenas uma parte do enunciado; existe também uma outra parte, o não-verbal, que permite a complementação da parte verbal e sua inserção em um contexto sócio-histórico.

A linguagem não –verbal ou icônica, como a pintura, por exemplo, explora linhas, cores, formas, luminosidade; a escultura se vale de formas, volume, tipos de material para a sua expressão. Citam-se, nesse caso, os cartazes luminosos de ruas comerciais, out-doors que, por meio de luzes, figuras interagindo com a linguagem verbal, passam mensagens as mais diversas.

Situam nesse patamar as Histórias em Quadrinhos – objeto de estudo deste trabalho- enquadram-se neste tipo híbrido de texto que congrega o verbal e não verbal, exploram imagens e palavras, realizam o cruzamento visual-verbal, na construção da cena enunciativa e se valem do contexto da enunciação. Nesse caso, a análise do sentido do texto ultrapassa os limites da *frase* para abarcar tudo o que, embora não seja somente verbal, interessa à enunciação.

Dessa forma, o sentido produz-se sempre numa determinada situação histórica, ou seja, a situação e o contexto, passam a ser um componente na análise e na compreensão dos atos de comunicação. Sobre esse assunto, é produtiva para nossa análise do sentido dos textos a afirmativa de Fiorin, a respeito da função primordial do contexto:

*A frase é um fato lingüístico caracterizado por uma estrutura sintática e uma significação calculada com base na significação das palavras que o compõem , enquanto o enunciado é uma frase a que se acrescentam as informações retiradas da situação em que é enunciada , em que é produzida. A mesma frase pode estar vinculada a diferentes enunciados (...) A significação é o produto das indicações lingüísticas dos elementos componentes da frase (...) O sentido, no entanto, é a significação da frase acrescida das indicações contextuais e situacionais. (FIORIN, José Luiz . As Astúcias da enunciação. 2ed. S.P.:Ática , 1999.)*

Outro conceito fundamental para a compreensão dos sentidos de um enunciado é o da interlocução operada sempre em uma dada cena enunciativa. Todo ato de fala pressupõe um interlocutor. E o sentido só se estabelece com a presença desse

interlocutor, que não é passivo, ou mero receptor. O falante adapta-se, constantemente, ao contexto imediato do ato da fala e, principalmente, a seus interlocutores. Nas situações em que o falante tem consciência de quem é o possível interlocutor, é ele, esse mesmo interlocutor, quem determina o gênero e o tipo de texto e de linguagem que o sujeito utilizará em seus atos de fala.

Quando se trata de interlocução, um duplo caminho deve ser considerado: o do falante que se adapta ao interlocutor e produz seu discurso tendo em vista esse fato, e o do interlocutor, que também constrói o significado a partir de sua compreensão e de seu repertório.

Tais conceitos: interação, diálogo, realização por meio de códigos diversificados, são muito importantes neste trabalho que tem por fim investigar o sentido de um gênero narrativo, em forma dialogal, como são as Histórias em quadrinhos, cujas características principais vão ser abordadas, a seguir, como uma justificativa de sua escolha, neste trabalho, de um gênero que pode ser aproveitado pela Escola, como tema e fonte de análise.

### **Por que Histórias em Quadrinhos: sua importância como aplicação didática**

Nas histórias em quadrinhos, há interação entre os códigos verbal e não-verbal, com o predomínio da linguagem não-verbal (desenhos e figuras) e através da precisão de traço do desenhista revelam-se os sentimentos humanos dos personagens, conhecidos dos leitores, com comportamentos estereotipados.

Estão presentes os elementos detectáveis na narrativa – narrador, personagens, ação, tempo e espaço – que, muitas vezes, se prestam aos recursos expressivos do humor e da ironia, uma constante desse gênero textual. É frequente o emprego de onomatopéias com que se busca sonorizar as ações do personagem e emprestar veracidade ao que está sendo narrado, tornando a história extremamente atraente para receptores de diferentes faixas etárias. Daí a funcionalidade de seu uso na escola.

Ao acionar a linguagem verbal e não-verbal, ambas apontando para o conhecimento interdisciplinar que favorece a interpretação do texto, a HQ comprova que ler uma tira transcende a mera decodificação de seus signos verbais, sejam eles apresentados por meio icônico ou não. O humor e a ironia, instrumentos desse tipo de criação, proporcionam a releitura do mundo a que a palavra referencia, posta que é em “balões” ligados ao personagem que a emprega. O aparato gestual reitera a fala das personagens que participam da cena, conjugando as duas linguagens.

Concebendo a leitura como uma prática social que remete a outros textos e a outras experiências, faz-se pertinente a referência, nas HQs, a diferentes contextos, a acidentes geográficos/ incidentes históricos, comportamentos sociais que já devem pertencer ao universo informacional dos leitores para serem devidamente entendidos.

Quando se relatam, numa tira, as peripécias de um personagem, é como se o leitor estivesse a reler o mundo mediante a palavra que o codifica e a imagem que o retrata. O fragmento de história – tirinhas- ou mesmo história inteira – retratada na HQ- opera com um tipo de *literatura* pretensamente infantil mas que desvenda reações do público juvenil muitas vezes ausentes em outros textos. A leitura dos implícitos, portanto, é uma oportunidade de se fazer pensar e a Escola pode tirar muito proveito ao trabalhar esse gênero em sala de aula.

A HQ há muito tempo alimenta o universo do leitor de diferentes faixas etárias; a sua linguagem, constituída por desenhos, figuras e legendas constituiu um gênero que ocupou largo espaço na cultura do século XX. Na maioria das vezes foi fruto da necessidade de uma rápida comunicação e também serviu ao propósito de intervir nos fatos e analisar valores de maneira aparentemente leve e inconseqüente, mas ela se presta admiravelmente à crítica política e de costumes. É uma forma narrativa que encontra muitos adeptos em todo o mundo e veio para ficar.

A ludicidade da HQ favorece o desenvolvimento tanto das estratégias de leitura do texto escrito quanto o da estruturação imagística, estimulando o interesse do leitor pela seqüência de ações de cada quadro, tecidas pelos elementos estruturadores da



narrativa: enredo, personagem, a própria ação do narrador que, não raro, está registrada num retângulo, na parte inferior ou superior do quadro.

A leitura da HQ possibilita adentrar ao mundo por meio da palavra aliada ao desenho, numa tentativa de dar sentido aos valores vigentes através do próprio olhar do leitor e dos personagens estruturados em diferentes níveis de linguagem e precisão.

Tendo em vista toda essa riqueza que se pode extrair do gênero HQs, sua importância como veículo transmissor de implícitos textuais, -facilmente decodificáveis, e o interesse atual da Escola por esse tipo de literatura, a presente pesquisa pretende abordar o texto das Histórias em Quadrinhos (HQs), em forma de tiras, publicadas semanalmente no veículo – O Jornal **O Globo**, em um determinado período. A pesquisa leva em conta os efeitos de sentido, derivados da análise de elementos expressos na superfície textual, o dito, como também os da estrutura profunda: o não-dito. É uma análise que dá realce à concepção de que o sentido não está na superfície do texto, mas se constrói a partir dele, por meio do exame das estratégias de construção do texto, recuperáveis no processo da leitura e da interpretação.

### **1.1. Tema**

A prática da leitura, interpretação e produção de textos têm sido a grande preocupação da Escola e mereceu grande atenção dos PCN. A partir de pesquisas acadêmicas, intensificaram-se as propostas de estratégias que visam a auxiliar o professor na prática de ensino-aprendizagem. Como parte dessa preocupação, esta dissertação apresenta como tema: As Histórias em Quadrinhos (HQs) e as marcas enunciativo-dircursivas: uma proposta de leitura e interpretação de texto.

### **1.2. Justificativa da escolha do gênero**

Mikhail Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal* (1953), diz que todos os textos que produzimos, orais ou escritos apresentam um conjunto de características, relativamente estáveis que configuram os diferentes gêneros discursivos. A escolha da

construção de um determinado gênero não é aleatória, pois todo enunciador deve levar em conta: a) o emissor ou quem enuncia; b) o destinatário ou para quem se está falando? c) qual a finalidade? d) o assunto do texto.

A noção de gênero do discurso funciona, assim, como uma ferramenta, um instrumento por meio do qual, é possível exercer uma ação lingüística sobre o outro, além de permitir a inserção do enunciador na sociedade, apontando-lhe formas concretas de participação social como cidadão consciente.

Dessa forma, essa pesquisa tem como temática o gênero textual *Histórias em Quadrinhos, em forma de tirinhas*, publicadas semanalmente em jornal **O Globo**. É notória a riqueza e a produtividade desse gênero discursivo, que tem sido mal utilizado nas aulas de Língua Portuguesa. Muitas vezes, no trabalho com o texto, ele é visto como mero pretexto para exemplificar apenas alguns itens gramaticais, sobretudo as classes de palavras e funções sintáticas; o texto não é considerado como processo de co-produção de sentido, o que caracterizaria a dinâmica de atividades lingüísticas e enunciativo-discursivas.

### **1.3 Fundamentação Teórica**

O quadro teórico da presente pesquisa baseia-se na perspectiva discursiva. Objetiva-se analisar o nexos estabelecido entre o textual (caracterizado pelas pistas lingüísticas) e o histórico-social-ideológico.

Esta dissertação apresenta uma proposta de leitura das *Histórias em Quadrinhos (HQs)*, a partir das contribuições da Análise do Discurso e da Lingüística Textual. Dessa forma, no que tange aos princípios teóricos básicos, fundamentamo-nos nas propostas dos precursores da teoria discursiva: Bakhtin e Benveniste, sobre as noções de enunciado x enunciação e gêneros do discurso, tipos de seqüências discursivas e implícitos textuais. Quanto à parte de aplicação pedagógica, guiamo-nos nos princípios dos PCNs. ( MEC, 1998).

Atualmente, a Escola, ao considerar o texto como unidade básica de ensino, desloca a importância, tradicionalmente, atribuída ao estudo de certos itens gramaticais em sua descrição metalingüística e de uso normativo, relacionada a fonemas, classe de palavras, sintagmas e frases como unidades isoladas, para o estudo dos gêneros textuais. Incentiva-se, portanto, a valorização da “escuta / leitura x produção de textos orais e escritos”, que devem contribuir, por meio da análise e reflexão sobre os objetivos discursivos e as estruturas lingüísticas envolvidas, para que o aluno amplie, progressivamente, sua competência lingüístico-discursiva.

Para refletir sobre a relação entre gênero do discurso e competência textual, deve-se lembrar que o processo de desenvolvimento de um indivíduo pressupõe sua inserção na sociedade em que vive, em um grupo com o qual se comunica e troca experiências, ao mesmo tempo que absorve os conhecimentos acumulados dentro do grupo ao longo da história.

Assim, ao interagir com o mundo, as pessoas procuram atingir objetivos, estabelecer relações, articular idéias, causar efeitos, desencadear comportamentos, enfim buscam atuar de determinada forma dentro do grupo ao qual pertencem. Nesse processo, produzem diferentes textos, com base em diversas formas de expressão verbal e não-verbal. Reconhecer que existem inúmeras possibilidades de construção textual em função dos objetivos da interação falante/escritor x ouvinte/leitor é fundamental para a abordagem da linguagem e suas potencialidades discursivas.

Dessa maneira, o trabalho de análise textual muito se beneficiou da perspectiva teórica proposta por trabalhos de pesquisadores, como Ingedore Koch e Angela Kleimam, no que diz respeito à análise de fatores de organização textual: as pistas lingüísticas, o equilíbrio entre o dado x o novo, os elementos descontínuos e a discretização do texto, a inferenciação e os modelos cognitivos globais.

O trabalho de leitura / produção de textos das Histórias em Quadrinhos pode favorecer ao aluno a identificação de estratégias de organização textual que garantem sua unidade e eficiência, uma vez que um enunciado é considerado um texto, por formar

um todo coeso e coerente, constituir um espaço de produção e circulação de significados.

Uma outra noção importante para esta pesquisa é a que engloba a situação e o contrato comunicativo. Toda situação sociocomunicativa caracteriza-se por um conjunto de comportamentos, atitudes e atos que são regidos por um *contrato comunicativo*. A esse respeito invoca-se aqui essa noção de contrato, defendida por Patrick Charaudeau,(2005), conceito que será útil nesse trabalho já que se propõe a analisar qual é o contrato comunicativo que vigora para a o gênero Histórias em quadrinhos. Vamos observar como o Autor define *contrato*:

*A noção de **contrato** pressupõe que indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais sejam capazes de entrar em acordo a propósito das representações de linguagem destas práticas. Conseqüentemente, o sujeito que se comunica sempre poderá com certa razão atribuir ao outro ( o não EU) uma competência de linguagem análoga à sua que o habilite ao reconhecimento. O ato de fala transforma-se, então, em uma proposição que o EU dirige ao TU e para a qual aguarda uma contrapartida de conviência.* (CHARAUDEAU, *Language et discours, éléments de semiolinguistique*.1983, p.50)

A proposta de Charaudeau, a respeito do *contrato* permeia a perspectiva da leitura das HQs, a partir do momento em que o produtor das mesmas estabelece com o leitor um discurso numa via de “mão dupla”, ou seja, atribui-se ao leitor uma competência de linguagem, já que é esperado que essa , de posse das habilidades ou competências: discursiva, lingüística e estilística ; esteja habilitado a reconhecer todas as nuances previstas no ato da leitura desse gênero, tais como: a antecipação, as inferências e o reconhecimento das pistas lingüísticas de implícitos como pressupostos e subentendidos; tais conceitos serão ainda desenvolvidos, com mais detalhes, neste trabalho.

## **1.4 Objetivos, Problemas e Hipóteses**

### **1.4.1 Objetivos**

A pesquisa objetiva fornecer subsídios para a inserção do gênero textual: Histórias em Quadrinhos, especificamente, o estudo das tiras de jornal, de forma efetiva

nos programas e/ou práticas de leitura e escuta de textos, na Escola, como uma forma de viabilizar práticas de interpretação e produção de textos orais e escritos, como estabelecem os PCN.

Podemos destacar o que se pode priorizar no ensino, quanto ao desenvolvimento de habilidades do aluno. Tais propostas tiveram por base, o que pregam os PCN de Língua Portuguesa, do ensino fundamental e médio, quanto ao aproveitamento da variedade de gêneros na escola, tendo em vista desenvolver as seguintes habilidades:

#### **Habilidades de leitura:**

- a) Reconhecer os efeitos decorrentes do uso de recursos gráficos, sonoros, semânticos ou estilísticos;
- b) Identificar efeitos de sentido criados pela pontuação, reconhecendo diversas funções do ponto de interrogação, exclamação, reticências ou de outras notações;
- c) Inferir informação implícita no texto;
- d) Inferir o efeito de sentido de uma palavra ou expressão contextualizada;
- e) Estabelecer relação de causa/conseqüência; fato/opinião;
- f) Reconhecer características do gênero: intenções ou finalidades, valores e/ou preconceitos veiculados;
- g) Relacionar, na análise e compreensão do texto, informações verbais às não verbais;
- h) Perceber a importância da imagem na construção do sentido do texto.

#### **Habilidades de Produção textual:**

- a) Criar novos traços identificadores das personagens através de recursos visuais;
- b) Traduzir essas características para a linguagem verbal;
- c) Criar tiras e quadrinhos a partir da narrativa em prosa ou de poemas;
- d) Criar textos narrativos em prosa ou em verso a partir da tira.

#### **Habilidades de língua em uso:**

- a) Reconhecer marcas de valores e intenções dos produtores em função de seus interesses políticos, ideológicos e econômicos, expressos lingüisticamente;

- b) Reconhecer as marcas de variedades lingüísticas expressas no texto;
- c) Identificar relações semânticas estabelecidas por meio da coordenação;
- d) Substituir, incluir, retirar conjunções coordenativas sem alterar o sentido das seqüências;
- e) Ampliar frases, utilizando classes gramaticais pré-estabelecidas e observando a concordância verbal e nominal.
- f) Enfim, valorizar todos os tipos de estratégias que decodifiquem os implícitos textuais, a partir de indícios lingüístico –discursivos, sobretudo os casos de ambigüidade, humor/ironia, polifonia e intertextualidade.

#### **1.4.2. Problemas**

A leitura de uma tira está condicionada a uma série de fatores que corroboram o ponto de vista do enunciador, no ato da produção textual. Sendo assim, alguns questionamentos quanto à interação linguagem verbal- não verbal mostram-se pertinentes para o presente estudo:

- a) O texto não-verbal é um fator determinante na organização do discurso, sobretudo no que tange à organização das HQs?
- a) O texto verbal associado ao texto não-verbal é constituído de fatores que viabilizam, de forma mais intensa, a produção de sentido do discurso?
- b) Marcas enunciativo-discursivas, detectados através de estratégias das pistas lingüísticas, das inferências , do equilíbrio entre o dado x o novo, dos modelos cognitivos globais são fatores de materialização do discurso ?
- c) O que possibilita a classificação das HQs como um tipo de Gênero textual?
- d) As HQs são construídas por que tipo de seqüência ou por que modo de organização textual? Que seqüências textuais predominam nesse tipo de texto?
- e) De que maneira as HQs podem contribuir para aprimorar as estratégias de leitura e produção textuais?

### 1.4.3. Hipóteses

A partir da colocação das questões iniciais propostas, algumas hipóteses para este trabalho foram formuladas:

- a) O texto não-verbal corrobora de forma eficaz na produção de sentidos, já que a imagem auxilia estabelecer o efeito discursivo, para o que é preciso interpretar as imagens, relacioná-las, percebendo a seqüência relacional de causa e efeito;
- b) A união entre o texto verbal e o não-verbal constitui fator importante na produção de sentido. O leitor apóia sua interpretação através de dois canais: imagem e texto, relacionando elementos icônicos a elementos lingüísticos;
- c) O sujeito interpretante (leitor) materializa suas intenções discursivas através das pistas textuais, interpretando as saliências do texto, as inferências pragmáticas, as antecipações, o equilíbrio entre o dado x o novo e os enquadres em modelos cognitivos;
- d) As HQs são um gênero discursivo autônomo, uma vez que são caracterizadas por três elementos: conteúdo temático, construção composicional e estilo próprio;
- e) As HQs pertencem ao modo de organização discursivo: narração, já que há predominância da seqüência narrativa ;
- f) O trabalho com as HQs pode contribuir para a prática da leitura com boa aplicação pedagógica da noção fundamental de texto como discurso, ou texto como unidade de sentido. Do ponto de vista discursivo, a exploração adequada desse gênero pode conduzir o aluno a atentar para as estratégias de produção de sentido dos textos.
- g) Enfim, seu estudo pode inovar as técnicas de leitura e produção textual;

### 1.5. “Corpus” e Metodologia

O *corpus* da pesquisa compõe-se de Histórias em Quadrinhos, em forma de tiras, num total de 85 textos, retirados do Jornal *O Globo*, publicados aos domingos. A

iniciativa que inspirou a composição do “corpus” baseou-se nos recortes das publicações do jornal *O Globo* (edição de domingo). O objetivo visou a verificação de textos que representam uma síntese dos acontecimentos da semana, - no caso de Drummond, pelo menos,- bem como, a escolha apoiou-se no fato de que, nas edições de domingo estão voltadas para um público leitor específico, pois atinge todos os membros da família.

Sendo assim, optou-se por uma tira estrangeira bastante popular e conhecida de todos e uma brasileira: a do Hagar, o horrível, *horrível*, de Chris Browne, num total de 42 textos e *Gente Fina*, de Bruno Drummond, com 43 textos, selecionados no período de 13 de março de 2005 a 25 de dezembro do mesmo ano corrente. O critério de seleção, organização e análise dos dados contempla: temas relacionados aos homens; os relativos às mulheres, os direcionados aos jovens e os temas que enfocam o relacionamento em sociedade. Os textos serão analisados segundo um arcabouço teórico específico, que será discriminado, a seguir: teoria enunciativa de Benveniste, o jogo dos enunciadores em função do contexto, a teoria dos gêneros e dos tipos de textos e os implícitos textuais e seus desdobramentos teóricos.

O trabalho está dividido em quatro capítulos: no primeiro capítulo, esta Introdução com apresentação e justificativa do tema, objetivos e hipóteses, formação do corpus e metodologia; no capítulo dois, explicita-se a fundamentação teórica, com os conceitos que embasarão a análise, haverá itens que tratem da questão dos gêneros, dos tipos de textos e dos implícitos textuais; há um capítulo em que se analisará o “corpus”, com base na teoria explicitada e, por último, sugestões de aplicação pedagógica, seguidas das conclusões.



## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A TEORIA DA ENUNCIÇÃO DE BENVENISTE**

*... as relações que se estabelecem entre enunciado e enunciação possuem caráter pragmático, 'paralógico' ou ideológico (em sentido amplo), visto que, por representar-se a si mesma de um certa forma, a linguagem possui uma lógica própria e caracteriza-se, acima de tudo, pela argumentatividade. (Ingedore Koch)*

Os estudos sobre a enunciação, principalmente, a partir da teoria enunciativa proposta por Benveniste, trazem para o cenário das preocupações lingüísticas o sujeito, personagem que era tido como secundário pela lingüística saussuriana. Com a noção de subjetividade acatada, outras também emergiram, como o dialogismo e a intertextualidade e as noções de sentido e de contexto, que possibilitaram uma nova forma de pensar a relação língua/linguagem.

### **2.1. A Enunciação e a relação entre língua / linguagem**

A perspectiva de entendimento de língua por Benveniste se diferencia da de Saussure, uma vez que este a reconhece como, essencialmente social, concebida no consenso coletivo. Para o Autor: “... somente a língua torna possível a sociedade. A língua constitui o que mantém juntos os homens, o fundamento de todas as relações que por seu turno fundamentam a sociedade.” (Benveniste, 1989, p.63). Saussure, o precursor da lingüística moderna, escolheu analisar a língua como um código fechado em si mesmo, um sistema estruturado por signos. Já para Benveniste, a língua advém do seu entendimento de signo como interação. Considerando sua forma de significação, propõe dois planos de sentido: o semiótico e o semântico. No primeiro, que confere com o pensamento de Saussure, está o signo codificado no sistema e, no segundo, há a expressão do sentido resultante da relação do signo com o contexto, ou seja, o modo de significar do enunciado (discurso). Para o autor, essa forma de significar é a língua como trabalho social. Assim, Benveniste vê a língua no seio da sociedade e da cultura porque, para ele, o social é da natureza do homem e da língua.

O entendimento de língua, por Benveniste, também vai refletir na sua concepção sobre a linguagem. Esta não é entendida como a que serve de *instrumento* de comunicação ao homem. Em seu estudo: *Da subjetividade na linguagem* (1991, p.85), Benveniste questiona essa noção de linguagem afirmando que “*Falar de instrumento é pôr em oposição o homem e a natureza*”, mostrando que não se pode mais conceber a linguagem separada do indivíduo, porque “*não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a*”. O que propõe então é uma idéia de linguagem que dê ao indivíduo o *status* de sujeito, porque “*é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem*”. (*idem*, p.86)

Dessa forma, a linguagem será o lugar onde o indivíduo se constitui como falante e como sujeito. Essa noção está desenvolvida na Teoria da Enunciação postulada por Émile Benveniste, que direciona os estudos sobre a linguagem para uma nova preocupação: a enunciação e a intersubjetividade.

## **2.2. O Conceito de Subjetividade do ponto de vista enunciativo**

Uma das maiores contribuições de Benveniste foi recolocar a questão da enunciação e da subjetividade.

Segundo Benveniste, a subjetividade é entendida como “*a capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’*” (1989, p.288) Essa proposição como sujeito tem como condição a linguagem. “*É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego*”. Assim sendo, essa propriedade da subjetividade é determinada pela pessoa e o seu *status* lingüístico.

Além disso, a subjetividade é percebida materialmente num enunciado através de algumas formas (a dêixis pronominal e o verbo) que a língua empresta ao indivíduo que quer enunciar; e quando o faz transforma-se sujeito. O autor classifica essas marcas lingüísticas, que têm o poder de expressar a subjetividade, tal como os pronomes e o verbo, integrando essas duas classes de palavras na categoria de pessoa do discurso.

Benveniste, ao instaurar a categoria de pessoa, define as pessoas do discurso em uma encenação. Postula o eu/tu como as autênticas pessoas em oposição a ele – a não-pessoa. As pessoas eu/tu se caracterizam como categorias de discurso que só ganham plenitude quando assumidas por um falante, na instância discursiva. Essa tomada é sempre única, móvel e reversível, o que representa a inter-subjetividade na linguagem.

A terceira pessoa (a não-pessoa, o ele), ao contrário, é um signo pleno, uma categoria da língua, que tem referência objetiva e seu valor independe da enunciação, declarando, portanto, a objetividade. A oposição entre os participantes do diálogo e os não participantes resulta em duas correlações: personalidade e subjetividade. A correlação de personalidade opõe a pessoalidade, presente em *eu/tu*, e a não pessoalidade, presente em *ele*; já a correlação de subjetividade descreve a oposição existente entre o *eu* (pessoa subjetiva) e o *não-eu* (pessoa não-subjetiva).

Tais correlações se estendem aos pronomes no plural que, nessa teoria, significam mais que pluralização. Então, Benveniste inova ao dizer que os pronomes pessoais no plural não expressam somente plural. É o caso de nós e vós. Somente “eles” — por não ter marca de pessoa — indica verdadeiro plural. Ainda, define o nós como inclusivo (união de um *eu*, pessoa subjetiva, a um *tu/vós*, pessoa não subjetiva) e como exclusivo (*eu*, pessoa + *ele(s)*, não pessoa). Não podem significar plural porque não demonstram a repetição da mesma pessoa. No caso do *nós*, não há soma de diferentes pessoas e não há repetição de *eus*; no caso do *vós*, no sentido coletivo ou de cortesia, não há soma de vários *tus*.

Dessa forma, o fato que chama atenção de Benveniste é que os pronomes não devem ser mais considerados como uma “classe unitária”, quando se refere à forma e à função; devendo-se diferenciar o aspecto formal dos pronomes, pertencente à parte sintática da língua e o do funcional; considerado característico da instância do discurso, ou seja, da enunciação. Quer dizer, os pronomes se configuram numa classe da língua que opera no formal, sintático e no funcional, pragmático.

Sendo assim, os pronomes devem ser entendidos também como fatos de linguagem, pertencentes ao âmbito da mensagem (fala) e às categorias do discurso; e não

apenas como pertencentes ao código lingüístico e às categorias da língua, como considerava a concepção estruturalista. Essa visão dos pronomes, também como categoria de linguagem, é dada pela posição que nela ocupam os seres do discurso.

Desse modo, acredita-se que para se entender o sujeito e suas representações na teoria enunciativa de Benveniste, é necessário partir da categoria de pessoa. A subjetividade é vista como uma propriedade da língua realizável pela categoria de pessoa. O fundamento da subjetividade repousa sobre a categoria de pessoa presente no sistema da língua; todavia essa subjetividade depende da inversão do par *eu/tu*, que assegura um fator fundamental na atribuição de sentido à categoria de pessoa: a inter-subjetividade.

Segundo Benveniste: “*o que caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginário, individual ou coletivo*” (1989,p.87). Isso determina a estrutura do quadro figurativo da enunciação \_\_ o diálogo \_\_ que tem, obrigatoriamente, um *eu* e um *tu*. Os dois participantes alternam as funções, caracterizando-se como parceiros e protagonistas na situação de enunciação. Isso, na verdade, vai criar uma relação inter-subjetiva entre as pessoas do enunciado.

No ato enunciativo, o sujeito não constitui apenas a si, sujeito locutor, mas também o sujeito-alocutário, isto é, define não só a posição *eu*, mas também a do *tu*: “...ele implanta o *outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este *outro*. Toda a enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 1989, p.84)

Segundo a perspectiva teórica do autor, o que, em geral, caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro. Na realização do seu estudo sobre o *aparelho formal da enunciação*, ele tomou como os principais pontos de partida os sistemas pronominal e verbal do francês (BENVENISTE, 1995, p.247-283).

Na descrição do sistema pronominal, o autor distingue os pronomes-pessoa dos *pronomes da não-pessoa*. Os primeiros designam os interlocutores, os sujeitos envolvidos na interlocução (*eu, tu, você; nós, vós, vocês*); os últimos designam os *referentes*: seres do mundo extralingüístico de que se fala) e, assim, não devem ser colocados na mesma classe dos primeiros.

Quanto ao sistema verbal, Benveniste diz que existem dois planos de enunciação: o *discurso* e a *história*, cada um com os seus tempos característicos. Na *história*, tem-se o relato de eventos passados, sem o envolvimento do locutor, como se os fatos narrassem a si mesmos.

Pertencem à ordem da história o *passé simple* (pretérito perfeito simples), os pronomes da não-pessoa, o *imperfecto*, o *mais-que-perfeito* e o *futuro do pretérito do indicativo*. Já o *discurso* é de ordem diversa: num determinado momento, em determinado lugar, um indivíduo se *apropria* da língua, instaurando-se como *eu*, e, ao mesmo tempo, instaurando o outro como *tu*. É uma enunciação que pressupõe um locutor e um ouvinte e, no primeiro, a intenção de influenciar o outro de alguma maneira.

A proposta de Benveniste foi retomada e ampliada por Oswald Ducrot. Para Ducrot (1987), a enunciação, independentemente, do autor ou da palavra, deve ser compreendida como o acontecimento constituído pela aparição do enunciado, em que vão operar vários locutores; já Mainguenu (1997, p.40) faz algumas observações quanto ao uso do conceito de enunciação. Segundo ele:

- a) a enunciação não deve ser concebida com a apropriação do sistema da língua por parte de um indivíduo, o sujeito só chega à enunciação através de múltiplas regras do *gênero de discurso*;
- b) não reside num único enunciador, é a interação que está em primeiro lugar;
- c) o indivíduo que fala não é necessariamente a instância que se encarrega da enunciação.

Sob essa concepção, no conceito de enunciação ganha relevo o de interlocução. Termo que vai se definir melhor, a partir do desenvolvimento das idéias de Austin, presentes em seu livro: *Quando Dizer é Fazer*. A partir de suas idéias, Searle distingue três atividades complementares na enunciação. Assim, proferir um enunciado é ao mesmo tempo:

- a) realizar um ato *locutório*, produzir uma série de sons dotada de um sentido numa língua;
- b) realizar um ato ilocutório, produzir um enunciado ao qual se vincula convencionalmente através do próprio dizer uma *força*;
- c) realizar uma ação *perlocutória*, isto é, provocar efeitos por intermédio da palavra (por exemplo, pode-se fazer uma pergunta - ato ilocutório - para interromper alguém, para embarçá-lo, para mostrar que se está ali, etc.). O campo do perlocutório sai do contexto propriamente lingüístico para o pragmático.

De um modo geral, Austin demonstra que é impossível encontrar enunciações sem valor performativo que só descrevessem o mundo. Até um enunciado que parece puramente descritivo como *está chovendo*, coloca-nos diante de uma realidade nova, realiza também uma ação, no caso, um ato de afirmação, que sempre terá decorrências de sentido.

Para Austin, entre *está chovendo* e *afirmo que está chovendo*, haveria apenas uma diferença de explicitação; o performativo seria *explícito* no segundo caso e *primário* no primeiro. Decerto ações como *sustentar*, *afirmar*, *ordenar...* são verbais; não são do mesmo tipo do que ações *institucionais* como jurar, batizar ou decretar, mas trata-se, nos dois casos, de *atos de linguagem*. No telejornalismo, é muito comum os editores trabalharem com atos ilocutórios ao interpelar a audiência.

Austin em *A Teoria dos Atos de Fala* (apud Koch) explica ainda que um ato de linguagem não é verdadeiro ou falso, mas bem-sucedido ou não. Essa distinção tem grandes conseqüências para o estudo do significado, porque se refere ao modo de inscrição dos enunciados na realidade. Além do simples respeito por regras propriamente gramaticais, parece existir um certo número de condições de sucesso para o ato de linguagem. Qualquer um não pode dizer qualquer coisa em qualquer circunstância, e esse conjunto de condições torna o ato de linguagem pertinente ou não, legítimo ou não.

Para que o ato de linguagem seja bem-sucedido, é preciso que o enunciador consiga fazer o destinatário reconhecer a intenção de realizar um certo ato, exatamente aquele que se mostra enunciando. Um enunciado só é plenamente um enunciado quando

se apresenta exprimindo uma intenção desse tipo com relação ao destinatário, e o sentido do enunciado é a sua própria intenção.

Esse sentido que se *mostra* nos conduz ao centro do dispositivo pragmático, a reflexividade da enunciação, isto é, ao fato de que a enunciação se reflete no enunciado. Para uma concepção da linguagem ingênua, os enunciados, são de certo modo, transparentes; devem se apagar diante do estado de coisas que representam. Em compensação, na perspectiva pragmática, um enunciado só consegue representar um estado de coisas distinto dele se *mostrar* também indícios de sua própria enunciação.

Dizer algo parece inseparável do gesto que consiste em mostrar que se diz. Isso se manifesta através dos *embreantes*; qualquer enunciado tem marcas da pessoa e de tempo que refletem sua enunciação, coloca-se mostrando o ato que o faz surgir. Feitas essas constatações a respeito dos Atos de Fala e da atuação dos seres do discurso, resta-nos agora, fazer uma outra análise da forma como os textos se organizam para realizar os atos de fala. Em outras palavras: como se dá a organização da linguagem em textos? Ou como se dá a passagem da língua ao discurso, ou do texto ao discurso? Isso nos faz repensar uma outra noção tão importante quanto aquela, que se refere aos Gêneros do texto (do discurso) e aos tipos textuais, que serão discutidos, a seguir.

### 3. GÊNEROS DO DISCURSO E TIPOS TEXTUAIS

*Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. (Luiz Antônio Marcuschi)*

É relativamente freqüente na literatura o uso de expressões “tipo textual” e “gênero textual ou gênero discursivo”, como categorias de análise para se atribuir às formas de texto uma tipificação. Ora utiliza-se uma ou outra de forma não simultânea, para referir-se aos textos concretos, produzidos na e pela sociedade, os gêneros textuais, \_\_\_ o que não seria problemático, pois parece que há uma questão mais de ordem terminológica que conceitual \_\_\_ ora apenas uma delas para referir-se tanto aos textos quanto aos modos de organização discursivos nele atualizados, também chamados de tipos textuais por alguns teóricos ( haja vista, Marcuschi (2004), Travaglia (1997), por exemplo. Nesse caso, colocam-se em um mesmo quadro, sob o rótulo de uma dessas expressões, dados que se dimensionam, em termos operacionais, à luz de critérios teórico-metodológicos diferentes. Convém esclarecer, contudo, que tais noções, guardados os valores conceituais e propósitos metodológicos de cada uma, podem entrecruzar-se, em situações de análise, figurando como um instrumental adequado à investigação no domínio do discurso.

Antes dessa discussão, vamos relembrar o que dizem Koch & Travaglia a respeito da noção de texto e discurso:

*Chamamos de discurso toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação \_\_\_ ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo \_\_\_ como também o evento de sua enunciação. O texto será entendido como uma unidade lingüística concreta (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante, escritor / ouvinte, leitor) em uma situação de interação comunicativa específica, como uma unidade de sentido e como preenchendo uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. Dessa forma o texto será o resultado, o produto concreto da atividade comunicativa que se faz seguindo regras e princípios discursivos*



*sócio-historicamente estabelecidos que têm de ser considerados.*  
(KOCH & TRAVAGLIA. *Texto e Coerência*. S.P.: Cortez, 1989.)

A questão que se coloca em torno de tais noções não é totalmente de ordem terminológica mais de cunho conceitual. Embora se saiba dos eternos problemas advindos do uso de uma ou de outra terminologia, devemos crer que, em trabalhos dessa natureza, é preciso que se dê mais atenção aos conceitos que aos nomes em si, uma vez que estes, por razões diversas, nem sempre podem ser os mais adequados para produzir conceitualmente as realidades a que se referem. Assumindo-se essa direção, pressupõe-se que se pode evitar que se tragam para a discussão de um trabalho conceitos outros identificados em outras instâncias pelo mesmo nome, o que, certamente, poderá acarretar problemas de interpretação e entendimento. Isso se estende, igualmente, às categorias de análise, o que significa dizer que o mais importante não é necessariamente o nome atribuído a elas, mas sim, a possibilidade de identificá-las, apreendendo-lhes o funcionamento no processo do trabalho de análise.

Sendo assim adotaremos para a noção de gênero as idéias de Bakhtin, “ (.. ) desde o início somos sensíveis ao todo discursivo que se mete a um determinando gênero”; essas idéias foram retomadas por Maingueneau, (2000).

*Alguns empregam indiferentemente gênero de discurso e tipos de discurso. Inclino-nos a empregar gênero de discurso par aos dispositivos de comunicação sócio-históricamente determinados: o editorial, a consulta médica, o interrogatório policial, os pequenos anúncios, a conferência universitária, o relatório etc, constituem gêneros. A diversidade dos gêneros é muito grande e ao lado de gêneros estáveis, como a receita e cozinha, há outros fugazes com o jornal da televisão. O ponto delicado consiste em paralisar a proliferação de gêneros ( .. ) Não podemos interpretar um enunciado se não sabemos a qual gênero relacioná-lo. (2000,p 73, Termos-chave da Análise do discurso, BH. UFMG, 2000)*

Para as noções de tipo, nos basearemos no que Adam propõe para seqüência, ou seja, as partes que se revestem de determinadas constantes de ordem lingüística. Em geral, percebe-se que, dada a vertente tipológica a que se alinha, a categorização dos textos quanto ao tipo constrói-se à luz de princípios que contemplam as dimensões do discurso que vão desde o interacional / situacional (mais imediato e/ou mais amplo), o

textual (macro-organização estrutural) ao lingüístico. A título de exemplo, apontem-se algumas dessas dimensões definidoras da natureza dos princípios tipológicos: as propriedades internas à constituição do texto, que incidem sobre o plano microestrutural; o esquema global, ou seja, os modelos cognitivos ou esquemas formais culturalmente adquiridos (superestruturas), em sua relação com a macroestrutura textual; os tipos de seqüências proposicionais; a atitude enunciativa que o locutor assume em relação ao seu objetivo de dizer e ao seu interlocutor (modos de organização discursivos); os portadores (suportes) de texto em que se materializa o discurso, e, por fim, os domínios institucionais ou as formações discursivas em que se inscrevem os discursos. Vale ressaltar que algumas tipologias se organizam em torno de vários critérios tipológicos, os quais, em sua relação, constituem a base conceitual do estudo de tipificação do texto.

Esse quadro deixa evidenciar que a noção de tipologia textual figura como uma categoria multifacetada de análise, por recobrir e designar fenômenos bastante diversos quanto à natureza e ao funcionamento do texto. Isso indica que os autores, certamente, não operam com as mesmas noções, e nomenclaturas.

### **3.1. A Questão dos Gêneros do Discurso**

Vários trabalhos desenvolvidos no âmbito da Teoria da Enunciação, Lingüística Textual e Análise do Discurso têm se preocupado em delimitar a que realidades do domínio de linguagem a noção de gênero discursivo se refere, e, ao fazê-lo, acabam, por extensão, fornecendo subsídios que possam delimitar a noção de tipo textual. Entre esses trabalhos, encontram-se os de Maingueneau (1989), Adam (1987/ 1993), Bakhtin (1953) e Marcuschi (1995). Para a noção de tipo, tomaremos como referência a teoria de Bakhtin.

Em sua *Estética da Criação Verbal* (1953) dedica um capítulo à reflexão sobre a heterogeneidade dos gêneros do discurso produzidos por um em uma sociedade complexa como a nossa, e os fatores (de natureza lingüística e extra-lingüística) que influem e confluem a constituição deles.

Na reflexão bakhtiniana, a noção de gênero discursivo reporta ao funcionamento da língua em práticas comunicativas reais e concretas, construídas por sujeitos que interagem nas esferas das relações humanas e da comunicação. É no interior dessas esferas, correspondentes às instâncias públicas e privadas do uso da linguagem, que se elaboram os gêneros do discurso, para responderem às necessidades sócio-interlocutivas dos sujeitos que nelas se inter-relacionam. Dada a diversidade de esferas da atividade e da comunicação humana, as quais refletem a diversidade das relações (inter e intra) socioculturais dos grupos sociais, os gêneros discursivos são múltiplos, heterogêneos, os quais, se abordados sob um ponto de vista teórico-metodológico, situam-se em um sistema contínuo de situações discursivas, em cujas extremidades estariam, de um lado, a conversação espontânea e, do outro, os artigos de vulgarização científica.(cf. Marcuschi, 1995)

Para Bakhtin, os enunciados de um discurso se definem pela natureza dos gêneros discursivos, constitutivos e constituídos em circunstâncias enunciativas peculiares às esferas das relações sociais. Quaisquer que sejam a extensão, o conteúdo semântico, os recursos lingüísticos e a sua composição estrutural; o discurso, materializado na forma de texto apresenta características que lhe são geralmente comuns, moldadas pelas regras do funcionamento dos gêneros, sendo essas, por sua vez, articuladas no interior das interações das esferas das relações sociais. Dito de outro modo, cada esfera do uso da língua (cotidiana ou não) potencializa os seus próprios gêneros, determinando as formas genéricas e relativamente estáveis de manifestação dos discursos, no que tange aos aspectos temático, estilístico e composicional.

Essa propriedade dos gêneros – a de que são formas relativamente estáveis de manifestação de discurso – reflete os modos de sistematização e/ou normatização historicamente construídos pelos sujeitos em seus processos interacionais, os quais, para estabelecerem com os seus interlocutores relações dialógicas, necessitam atualizar normas e restrições lingüístico-discursivas e temáticas que regem as práticas sócio-culturais da área de atividade social em questão. Citando um exemplo, apontamos o “bate-papo” que possui regras (pragmáticas, textuais e lingüísticas) de funcionamento diferente de uma entrevista para fins de trabalho, que por sua vez, diferem de um comício em praça pública, de uma palestra, de uma aula, etc. Ainda que não dominemos

as regras de tais gêneros, por não convivermos com alguns deles como interlocutores imediatos, sabemos muitas vezes reconhecê-lo, precisar-lhes a diferença em função da relação entre o uso da linguagem e as esferas sociais em que se atualizam

Esse pressuposto de que a constituição (natureza e delimitação) dos gêneros reflete as esferas de uso da língua já se revelava em outra obra: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, onde o Autor declara:

*... a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir de seu próprio interior, a estrutura da enunciação. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. (Bakhtin, 1990, p.113 e 114)*

A respeito da aquisição e domínio desses gêneros do discurso por parte dos sujeitos, Bakhtin afirma em *Estética da criação verbal*:

*... as formas das línguas e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossas experiências e em nossa consciências conjuntamente. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam a nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramáticas (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero, e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada de todo o discurso), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um desses nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível. (Bakhtin, 1997, p.302)*

Historicamente gerados no e pelo trabalho lingüístico empreendido pelos sujeitos, os gêneros do discurso submetem-se a um conjunto de condições que cercam o seu funcionamento sócio-interativo, definido em e por seus processos de produção e

recepção, bem como o circuito de difusão: instância social de uso da linguagem (pública e privada); os interlocutores (locutor e destinatário): o papel e o lugar que cada um desses sujeitos representa no processo de interação, que, em maior ou menor grau.

Os Gêneros do Discurso sofrem as injunções do lugar social que cada um ocupa na sociedade; a relação de formalidade ou não entre eles; o jogo de imagens e o jogo de vozes socialmente situadas, orientando o que pode ou não pode ser dito e como se deve fazê-lo, a atitude enunciativa do locutor, em relação ao objeto e ao seu locutário /enunciatário, as expectativas e finalidades deste em relação ao contexto discursivo, o registro e a modalidade lingüística e o suporte a ser utilizado no ato enunciativo.

Todos esses fatores imprimem ao discurso uma configuração peculiar, no que diz respeito:

- a) à abordagem do tema variável conforme as esferas da comunicação;
- b) ao arranjo global em que o conteúdo semântico se assentará;
- c) aos modos de organização discursivos;
- d) à seleção dos recursos lingüísticos.

Esses fatores orientam o modo como o discurso se materializa no texto de um dado gênero, construído por uma esfera da atividade e da intercomunicação humana.

No que concerne a essas reflexões, Bakhtin enfatiza a questão das relações inter-subjetivas, quanto à intenção do locutor em relação ao destinatário no ato enunciativo. No processo da construção do discurso, o locutor pressupõe os conhecimentos que o destinatário possui, sobre algum assunto, suas opiniões e convicções, até mesmo algum preconceito que possa ter contra a abordagem dada ao tema. Partindo dessa pré-seleção de informações, locutor realiza a escolha de um determinado gênero, a organização dos enunciados, o modo de organização discursivo e a seleção dos recursos lingüísticos; objetivando provocar no destinatário o efeito de sentido desejado.

A linguagem é uma atividade constitutiva cujo espaço de realização e construção é a interação verbal. De acordo com Bakhtin, não é a linguagem um elemento pronto, constituído apenas por um sujeito, como um objeto a ser apropriado, mas, sobretudo,

pelo trabalho lingüístico empreendido pelos sujeitos no processo de interação. É nesse trabalho lingüístico, na produção dos discursos, que os sujeitos agem sobre a linguagem, construindo ou dando novas dimensões aos recursos lingüísticos, para que possam evidenciar sentido ao enunciado. O sujeito se constitui com o outro no território dialógico, nas ações interativas, nas relações pela linguagem, potencializados pelos gêneros discursivos, representando o mundo e agindo sobre o mesmo. Os sujeitos se constituem no processo de interiorização de discursos preexistentes, materializados nos diferentes gêneros e atualizados em contínuas interlocuções de que vão participando. Dessa forma, esses sujeitos passam a dominá-los ou, até mesmo, alterando-lhes o funcionamento, pela introdução de outros gêneros pertencentes a outras esferas da atividade social.

Bakhtin distingue os gêneros em dois conjuntos: gêneros primários e gêneros secundários, os quais correspondem a um espectro diversificado dos usos oral e escrito da língua. Os gêneros primários se constituem em situações discursivas, construídas em instâncias privadas, em esferas cujas atividades estão vinculadas às experiências cotidianas e íntimas: a conversação espontânea, as cartas pessoais, bilhetes, diários, anotações em agenda, convites informais, etc.

Os gêneros secundários são produzidos em situações discursivas construídas em instâncias públicas, em esferas cujas atividades sócio-culturais têm um caráter, relativamente, mais formal: conferências, palestras, entrevistas, assembléias ou reuniões de modo geral, aula, cultos religiosos, sermões, cartas comerciais, ata de reuniões, relatórios, formulário burocrático, documentos jurídicos, legislativo, receitas culinárias e médicas, editorial, reportagens, notícias, propagandas, romances, contos, fábulas, lendas, poemas, teatro, novela, textos acadêmicos (monografia, resenha, dissertação e tese).

Sabe-se que o locutor, com base em sua experiência de usuário da língua, já tem uma percepção das características dos gêneros e das situações de comunicação em que se realizam. A esse respeito, torna-se importante a noção de *domínio discursivo* ou como alguns teóricos definem: *formação discursiva*.

Luiz Antônio Marcuschi define *domínio discursivo* como sendo:

... *uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos,*

*mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos (...) já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais... (MARCUSCHI .In.---: DIONÍSIO et alli.,2005, pág.23/24)*

Por sua vez, Citelli (2004) define *formação discursiva* da seguinte forma:

*São as grandes formações discursivas que dão alguma unidade aos discursos das instituições, entendidas, aqui, como o judiciário, a igreja, o exército, a escola, a medicina etc. Compreende-se porque existe recorrência nas falas dos advogados, dos religiosos, dos militares, dos professores, dos médicos. Tal recorrência resulta do fato de os sujeitos tenderem a atualizar em seus discursos, textos ou pronunciamentos, as formações discursivas com as quais convivem...*

Para entender os critérios a serem utilizados na categorização dos gêneros do discurso, em função das formações discursivas, é necessário levar em conta diferentes aspectos do processo de interação verbal. É necessário que se considere todas as condições e finalidades da comunicação para tomar decisões a respeito da interpretação do sentido ou da elaboração do texto. Isso significa que diferentes gêneros do texto serão escolhidos em função das características materiais e sociais do contexto situacional: tempo/lugar, relação entre os interlocutores, características e papel do enunciador x enunciatário, objetivos da interação, canal x veículo e grau de formalidade da situação.

Neste trabalho, estamos adotando as considerações de Marcuschi (2003), quando ele retoma a noção de Bakhtin, sobre gêneros e faz uma distinção entre domínios discursivos, gêneros e tipos textuais: Os tipos correspondem a formas de organização do material lingüístico, mais fixas empregadas em todos os gêneros; são esses os tipos textuais: narrativos, descritivos, expositivos, argumentativos e injuntivos, enquanto os gêneros classificam as formas sociais de interação. Cada gênero pertence a um domínio discursivo; assim, no domínio de textos religiosos, por exemplo, temos vários gêneros: oração, sermão homilia, cartas, etc.; nos textos literários, podem ser citados os seguintes gêneros: romance, conto, novela, poema etc; nos textos midiáticos jornalísticos, notícia, editorial, artigo opinativo, histórias em quadrinhos etc.

### 3.2. A Questão dos Tipos de Textos

Em alguns estudos da lingüística textual, tipo textual é uma noção que remete ao funcionamento da construção estrutural do texto, isto é, um texto, pertencente a um dado gênero discursivo, pode trazer na sua configuração vários tipos textuais como narração, descrição, dissertação/argumentação e injunção, os quais confeccionam a tessitura do texto, ou, para citar Bakhtin, constituem a estrutura composicional do texto segundo os padrões do gênero. O romance, por exemplo, que é um dos gêneros do discurso literário, pode ter, em sua estrutura composicional, vários tipos textuais: a narração, para relatar os acontecimentos, os fatos e a progressão das ações dos personagens; a descrição, para caracterizar aspectos sobre como são os personagens, as ações praticadas por elas, o cenário em que as ações estão sendo realizadas; a dissertação/argumentação, para comentar, avaliar as ações dos personagens, seus sentimentos e atitudes. Nessa perspectiva, tipo textual é amplamente tomado como uma categoria que se presta a pensar e caracterizar o funcionamento de um dos planos constitutivos do texto: a estrutura interna da configuração textual.

Considerando-se que o discurso se materializa no texto, ou seja, ele é o produto concreto da atividade discursiva; cujo plano estrutural assume uma dada configuração em virtude de uma correlação entre os elementos de sua organização e suas condições de produção, tendo em vista um “contrato comunicativo”, pode-se tratar os tipos textuais como procedimentos ou modos de organização do discurso no texto, para usar a proposta da Semiolingüística de Patrick Charaudeau (2005). Tais modos são efetivados por operações textual-discursivas, construídas pelo locutor em função de sua atitude discursiva em relação ao Projeto do dizer e em função de seu interlocutor. Tudo é regulado pelo gênero a que o texto pertence e pela situação interlocutiva, ambientada em uma instância social de uso de linguagem. Dito de outro modo, o locutor atualiza uma série de operações discursivas estratégicas, que incidem nos níveis micro e macroestruturais da configuração formal e conceitual do texto, as quais são geradas e ativadas no processo de produção textual, para atingir o seu objetivo enunciativo e, conseqüentemente, efetivar o efeito de sentido que ele pretende provocar no interlocutor.

Essas operações podem efetivar-se na forma de:



- a) narração, quando há a intenção de contar, apresentar os fatos, os acontecimentos, numa seqüência de ações realizadas temporalmente, numa relação de causa e efeito.
- b) descrição, quando há a intenção de caracterizar, dizer como é o objeto descrito, fazendo conhecê-lo, por seus aspectos;
- c) dissertação/argumentação: quando há a intenção de efetuar uma reflexão, explicação, avaliação, comentário, conceituação ou exposição de idéias, pontos de vista, que constituem uma tese;
- d) injunção: quando se exercita o valor da persuasão, incita-se a realização de uma determinada ação por parte do interlocutor, ou seja, faz-se agir sobre o outro.

Convém salientar que esses modos enunciativos assumem uma função específica e variável na constituição do texto, em razão da finalidade comunicativa que este engloba. As seqüências narrativas não se inscrevem da mesma maneira na construção do sermão, da notícia, do conto de fadas, da conversação espontânea, etc. Enquanto nas narrativas presentes em romances, contos de fadas, a ordenação cronológica dos episódios pode ser dominante, numa disposição em que há sempre uma relação de anterioridade e posterioridade em relação à seqüenciação linear dos fatos na ordem de seu acontecimento em textos noticiosos, tal ordenação pode não assumir essa rigidez, no discurso jornalístico, por exemplo, colocando-se primeiramente em evidência o sumário do assunto em questão, em forma de manchete ou *lead* e em seguida apresentado o evento principal, a que se sucedem as conseqüências do fato e as suas causas, ou vice-versa, atribuindo-se, estrategicamente, às informações veiculadas nestas ou naquelas alguma relevância.

Da mesma forma, as seqüências descritivas presentes em contos, romances ou em manuais de instrução, bula de remédio, em processos jurídicos, em verbetes de enciclopédias, atualizam-se de modo diferenciado, por várias formas de aspectualização. Em alguns romances, epopéias, histórias de ficção, a descrição, a serviço da narrativa, podem cumprir funções de natureza ornamental e estética, suspende-se o fluxo narrativo para focalizar, detalhadamente, os personagens, suas ações, bem como o cenário. Em contra partida, em textos técnicos, como bulas de remédio, nos verbetes, a descrição é

modalizada, de forma a caracterizar, enumerar de modo objetivo os elementos ou aspectos que compõem o objeto descrito. Dessa forma, a noção de tipo textual pressupõe uma dimensão discursiva, considerando-se que cada tipo é objeto de modalização específica, dada a natureza do gênero a que o texto pertence. Resumindo a noção de tipo textual pressupõe uma estrutura interna da organização do discurso, concretizada no texto e dimensionada à luz do projeto discursivo do locutor.

Em gêneros como sermão, tese acadêmica, peças jurídicas, artigos publicitários, etc., enfatiza-se a construção argumentativa através da apresentação de argumentos, com vistas ao cumprimento da finalidade enunciativa do discurso: provar, evidenciar, ilustrar, demonstrar, orientar, constatar, etc., o que está sendo enunciado. Assim, na tessitura dos próprios argumentos, pode-se contar um determinado fato, descrevê-lo, comentá-lo, avaliá-lo, tomá-lo como exemplo, para orientar ou aconselhar o interlocutor, bem como podem apresentar depoimentos, relatos, testemunhos (inserção de gêneros primários) de modo a fazer saber, fazer crer, fazer agir, isto é, persuadir e convencer o interlocutor, transformando-o e, conquistando sua adesão ao que está sendo dito, instigando-o, desse modo, a aderir ao universo discursivo do locutor (sejam verdades, sejam crenças ou sejam preconceitos).

É bom lembrar que, em qualquer discurso, subjaz uma argumentatividade inerente, que se projeta, em grau maior ou menor, em função do projeto discursivo do locutor. Há alguns discursos em que predomina essa orientação argumentativa, numa manifestação lingüística explícita dos enunciados: textos publicitários, editorial, reportagem, processos jurídicos, sermão, etc. Nesses casos, há a predominância do modo argumentativo, distinguindo-se do modo dissertativo/expositivo, pois neste a orientação argumentativa pode não necessariamente construir-se explicitamente pelo jogo da persuasão.

Nessa perspectiva, não há textos cujos discursos se apresentam neutros, não eivados por alguma carga ideológica. Do mesmo modo, do ponto de vista da sua configuração estrutural, não há textos puros e homogêneos, mas, sim, um texto com seqüências heterogêneas, complexas, na qual podem figurar seqüências de tipos diversos, ou se uma seqüência de tipo dominante.

### 3.3. As Seqüências Tipológicas

Uma vez escolhido o gênero com base na avaliação do contexto de produção (situação material e situação social), o enunciador deve deliberar sobre o planejamento da estruturação do texto. Isto significa determinar a forma de materialização desse texto, escolhendo os diferentes tipos textuais e os recursos lingüísticos a serem utilizados.

A expressão **tipos textuais** vem sendo empregada, na perspectiva sócio-interacionista, para nomear seqüências de base: **narrativa**, **injuntiva**, **explicativa**, **dialogal** e **argumentativa**. De acordo com o planejamento, essas seqüências tipológicas combinam-se na construção do texto, cada qual desempenhando uma função.

#### 3.3.1. Seqüência narrativa

Marcada pela temporalidade; como seu material é o fato e a ação, a progressão temporal é essencial para seu desenrolar, ou seja, desenvolve-se necessariamente numa linha de tempo e num determinado espaço.

Gramaticalmente, percebe-se o predomínio de:

- a) frases verbais indicando um processo ou ação;
- b) formas verbais no pretérito;
- c) advérbios de tempo e lugar .

São exemplos de gêneros em que predomina a seqüência narrativa: relato, crônica , romance, fábula, contos , piada etc.

#### 3.3.2. Seqüência descritiva

Nesse tipo de seqüência, não há sucessão de acontecimentos no tempo, de sorte que não haverá transformações de estado da pessoa, coisa ou ambiente que está sendo descrito, mas sim a apresentação pura e simples do estado do ser em um determinado momento.

Gramaticalmente, percebe-se o predomínio de:

- a) frases nominais e orações centradas em predicados nominais.
- b) frases verbais no presente ou no imperfeito;

c) adjetivos, que ganham expressividade tanto na função de adjunto adnominal quanto na de predicativo;

d) períodos curtos e coordenação;

e) advérbios de lugar, que ganham destaque identificando a dimensão e/ou disposição espacial do objeto descrito.

São exemplos de gêneros em que a seqüência descritiva predomina: folheto turístico, (auto) retrato, anúncio de classificado, lista de compras, lista de ingredientes de uma receita, cardápio etc.

### **3.3.3. Seqüência argumentativa**

É aquela em que se faz a defesa de um ponto de vista, de uma idéia, ou em que se questiona algum fato. Ao opinar sobre alguma pessoa, acontecimento ou coisa, intenta-se *persuadir* o leitor / ouvinte fundamentando o que se diz com argumentos de acordo com o assunto ou tema, a situação ou o contexto e o interlocutor.

Gramaticalmente, caracteriza-se pela:

a) progressão lógica de idéias e linguagem mais sóbria, objetiva, denotativa;

b) polifonia, ou seja, presença de várias vozes que se integram ao texto, seja por menções, seja por referências intertextuais, geralmente, introduzida por sinais de pontuação (dois-pontos, parênteses, aspas, travessões), funcionando de apoio para a argumentação;

c) adequação vocabular, modalização do discurso, demonstrando o posicionamento do falante-argumentador;

d) a relação de causa x conseqüência;

e) emprego de perguntas retóricas, prevendo possíveis interrogações por parte do interlocutor

São exemplos de gêneros em que predomina a seqüência argumentativa: sermão, ensaio, editorial, crítica, monografia, textos dissertativos etc.

### 3.3.4. Seqüência explicativa ou expositiva

Intenta explicar ou dar informações a respeito de alguma coisa. O objetivo é fazer com que o interlocutor adquira um saber, um conhecimento que até então não tinha. É fundamental destacar que, nos textos explicativos, não se faz a defesa de uma idéia, de um ponto de vista, características básicas do texto argumentativo. Os textos explicativos tratam de identificação de fenômenos, de conceitos, de definições. Predomina a função referencial da linguagem. Por isso, é o texto que predomina nos livros didáticos, nas aulas expositivas.

Geralmente, os textos explicativos apresentam várias marcas, como:

- a) distanciamento do falante em relação àquilo que fala, resultando num texto objetivo, escrito, geralmente, em terceira pessoa;
- b) predicados organizados em torno de verbos como ser , ter , conter , consistir, compreender, indicar, significar, constituir, denominar, designar;
- c) sinais de pontuação que introduzem explicações ou citações( dois-pontos, parênteses, aspas, travessões);
- d) orações coordenadas explicativas ;
- e) orações adjetivas explicativas;
- f) marcas de reiteração e reformulação( isto é, ou seja, melhor dizendo, em outras palavras, quer dizer etc), com o objetivo de esclarecer ou dirimir dúvidas;
- g) marcas de comparação(assim, igualmente, contrariamente, como, ao contrário de, da mesma forma, da mesma maneira que, etc), com o objetivo de esclarecer conceitos por meio de confrontos de informações, de analogias;
- h) emprego de exemplificações(por exemplo, como é o caso de, etc);
- i) emprego de definições , ressaltando o significado de palavras ou expressões;
- j) emprego de organizadores textuais( em resumo, até aqui, como já foi falado, etc) e ordenadores da informação(em primeiro lugar, em segundo lugar, por outro lado, etc)

São exemplos de gêneros em que predomina a seqüência explicativa ou expositiva: textos de divulgação científica, de manuais, de revistas especializadas, de cadernos, de jornais, de livros didáticos, de verbetes, de dicionários e enciclopédias, etc.

### 3.3.5. Seqüência injuntiva ou instrucional

A marca fundamental da seqüência injuntiva ou instrucional é o verbo no modo imperativo (injuntivo é sinônimo de imperativo, de obrigatório); há o predomínio da função conativa da linguagem.

Gramaticalmente, algumas marcas dos textos injuntivos são:

- a) verbos no modo imperativo;
- b) formas verbais que indicam ordem, orientação, pedido, como *dever + infinitivo, ter que/de + infinitivo, gerúndio, infinitivo, etc.*;
- c) advérbios de modo ;
- d) advérbios de negação;
- e) explicação do interlocutor por meio do vocativo;
- f) emprego de expressões(é proibido, não é permitido, é obrigatório, etc).

São exemplos de gêneros em que predomina a seqüência injuntiva ou instrucional: propaganda, receita culinária(modos de fazer), manual de instruções de um aparelho, horóscopo, livros de auto-ajuda, etc.

Nos textos em análise – histórias em quadrinhos – encontram-se as diversas seqüências, que serão analisadas tendo em vista sua funcionalidade na estruturação do texto.

#### 4. O PROCESSO DE INFERENCIAÇÃO E A ANÁLISE DO CORPUS

Quanto à concepção de leitura, consideramos esta uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados. (Angela Kleiman)

Tendo em vista a composição do “corpus” e sua análise, nesta seção serão considerados os itens principais contemplados pelo processo da inferenciação: implícitos em geral (pressupostos e subentendidos), processos de ambigüidade, ironia e polifonia.

Durante a construção do sentido na leitura, ocorrem processos inferenciais. A inferência revela-se como conclusão de um raciocínio, como elaboração de pensamento, como uma expectativa. Sua manifestação envolve estados afetivos individuais e reações socialmente marcadas, que, sob forma de confiança ou inquietação, constituem diferentes graus de crença. As inferências ocorrem na mente do leitor. É uma operação que os leitores desenvolvem enquanto estão lendo o texto ou após terem completado a sua leitura, já que o texto serve como estímulo para a geração inferencial.

$$\text{INFERÊNCIA} = A \frac{\quad}{C} B$$

A informação anterior (A) apresenta um conteúdo semântico já conhecido ou que está sendo conhecido pelo leitor, enquanto a informação nova (B) é extraída a partir de (A) e, sob a influência de um contexto (C). Dessa forma, A e B são representações psicológicas individuais, mas mantêm relações passíveis de identificação. O leitor, para compreender uma narrativa ativa e usa informações implícitas e não-mencionadas, ou seja, recorre à inferência que é uma informação não explícita no texto. O conceito de inferência é entendido como sendo o processo cognitivo que gera uma informação semântica nova, a partir de uma informação semântica anterior, em um determinado contexto.

Trata-se de uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras. Não ocorre apenas quando o leitor estabelece elos lexicais, organiza

redes conceituais no interior do texto, mas também quando o leitor busca , extra-texto, informações e conhecimentos adquiridos pela experiência de vida, com os quais preenche os “vazios” textuais. O leitor traz para o texto um universo individual que interfere na sua leitura, uma vez que extrai inferências determinadas por contextos: psicológico, social, cultural, situacional, dentre outros

#### **4.1. O Processo de inferenciação e os modelos cognitivos globais:**

Todo processo inferencial conduz a traços de memória. A memória é um fenômeno que atua tanto na compreensão de um texto quanto nos processo de inferenciação. Diversos modelos teóricos tentam explicar como os conhecimentos individuais se organizam na memória.

Beaugrande (1981) afirma que, quer no armazenamento da memória, quer em sua utilização real, configurações de conhecimento podem ter pelo menos quatro perspectivas, denominadas *frames* (esqueleto, estrutura), esquemas, *scripts* e planos.

O conhecimento pode ser configurado como uma seriação de elementos dispostos em ordem. O conhecimento é composto por *frames* que se ajustam em um arranjo combinatório definido. Por exemplo: “bolo de aniversário” é o *frame* ou a estrutura de uma série de elementos que se entrelaçam como (ingrediente, data, festa, convidados e presentes). São, portanto, responsáveis por certas recuperações automáticas de lacunas no texto.

A segunda perspectiva apresentada por Beaugrande (1981) é o esquema, que pode ser vista como a progressão em que determinados elementos ocorrem. Eles permitem a síntese de textos, a possibilidade de ordená-los de forma diversa da original, memorizá-los e de reproduzi-los. Diante de uma narrativa, por exemplo, os esquemas organizam seqüência de eventos em que são ativadas macro-categorias como: personagem, ação, conclusão.

A terceira perspectiva, segundo Beaugrande (1981), denomina-se *script* ou roteiro. Trata-se dos conhecimentos inter-relacionados em dependência conceitual. Representam seqüências ou estados, sem se prenderem a itens lexicais, mas sim a redes conceituais. Embora alguns autores tratem *frame* e esquema como sendo sinônimos,



Beaugrande discorda, argumentando que há diferença entre ambos no que se refere às origens de uma e de outra perspectiva. Segundo o mesmo autor o esquema é muito mais voltado a uma seqüência ordenada de realização do que o *frame*.

A quarta perspectiva indicada pelo teórico chama-se plano. O conhecimento torna-se relevante para a pessoa quando se enquadra no plano que ela tem em mente. Os planos levam o planejador em direção a um objetivo.

*Frames*, esquemas, *scripts* e planos são estruturas cognitivas de expectativas que levam os indivíduos a organizar seus conhecimentos, segundo a experiência particular de cada um. Tais estruturas, representativas e gerais, apresentam lacunas a serem preenchidas.

Esse preenchimento varia de pessoa para pessoa, de acordo com a rede de estruturas cognitivas ativadas. Independente da adequação ou inadequação dessas teorias, é fato que os conhecimentos individuais preexistentes ativam, durante a leitura, determinados *modelos cognitivos globais* que originam, nos indivíduos, compreensões qualitativamente diferentes para o mesmo texto.

#### **4.2. As inferências e representação mental**

A informação, mentalmente processada, pode ter sido fornecida de forma explícita pelo texto ou pode ter sido inferida pelo leitor. Em ambos os casos, o processo conduziu a registros na memória. O conjunto desses registros resultantes forma a representação mental dos conteúdos processados.

A informação, nos vários níveis de representação, é parcialmente dada de maneira explícita no texto. Uma grande parte da informação textual é obtida apenas por implicação. Essa parte implícita de representação é a inferência.

As informações explícitas, tanto quanto as inferidas, tornam-se partes integrantes da representação mental do texto. Entre elas, há um estreito vínculo. Tanto a formação de inferências é influenciada pela representação mental já construída, quanto a representação mental surgida é parcialmente o resultado das inferências feitas.

Van Dijk (2000) sustenta teoria que afirma que as inferências servem, principalmente, para fechar lacunas em um texto. Segundo esse teórico, no nível básico tanto quanto no nível macro-estrutural, podem ocorrer proposições que se inter-relacionam e, por esse motivo, não constituem um todo coerente. Nesse caso, inferências devem ser extraídas para preencher os *gaps* (lacunas) correspondentes.

Outros pesquisadores encaram a formação de inferências como um processo menos dependente do texto. Warren, Nicholas e Trabasso (*apud* FÁVERO & KOCH ) admitem que o leitor ou ouvinte, partindo da proposição em foco, levanta questões sobre o texto. No caso de narrativas, as perguntas seriam: Quem? Quê? Qual? Onde? Por quê? Como? Nesse caso, as inferências não são nada mais do que respostas do leitor ou ouvinte às perguntas pertinentes à decodificação da estrutura do texto narrativo, feitas por ele mesmo.

Collins, Brown e Larkin (*apud* FÁVERO & KOCH ) partem do pressuposto de que a representação mental contém lacunas. Essas lacunas são então preenchidas por inferências durante a compreensão do discurso. Inferências, além de significados para preencher lacunas da coerência textual, são, também, processos para a extensão e complementação de estruturas de conhecimento existentes. A inferência é um processo que leva um período de tempo durante o qual um estado inicial de representação mental é mudado por outro.

#### **4.3. A Materialização da Inferência através das marcas enunciativo-discursivas**

O processo inferencial é cognitivo, ou seja, ocorre como um mecanismo mental do leitor, no ato da leitura. Essa pesquisa encerra uma aplicação pedagógica, postulando as marcas enunciativo-discursivas que são veiculadas na trajetória do preenchimento das lacunas ou *gaps* que o texto, por vezes, não cobre totalmente. Os “vazios textuais” devem ser percebidos através das pistas lingüísticas, caracterizados no plano discursivo-gramatical ou, até mesmo, pelos índices remissivos recobrados pelo conhecimento de mundo, pela bagagem cultural e pelos preconceitos arraigados no trajeto de vida do sujeito interpretante.

Dessa forma, essa pesquisa não esgota todas as possibilidades de mecanismos de que a teoria do discurso lança mão; esta dissertação analisa o seu objeto de estudo a partir das inferências materializadas nos seguintes aspectos: os implícitos (pressupostos e subentendidos), a ambigüidade, a ironia e a polifonia.

Em tese, neste capítulo, far-se-á uma exposição teórica a respeito dessas quatro marcas enunciativo-discursivas materializadas, textualmente, no discurso. Trata-se de processos discursivos que recuperam o sentido implícito do texto, gerando a informação semântica nova, resgatados através das pistas lingüísticas ou do contexto pragmático.

#### **4.3.1. Os Implícitos: Pressupostos e Subentendidos nas HQs:**

Saber ler nas “entrelinhas” é saber articular os conhecimentos prévios às informações textuais, inclusive as que dependem de pressuposições e inferências (semânticas e/ou pragmáticas) autorizadas pelo texto; isso permite dar conta de ambigüidades, ironias, expressões figuradas, opiniões e valores implícitos, fenômenos que denotam as intenções do autor. Um texto pode dizer muita coisa sem ser explícito. Cabe ao leitor detectar as informações que não são veiculadas linguisticamente, mas que estão no texto sob aspectos subentendidos ou pressupostos. Primeiramente, vamos analisar o que se entende pelo fenômeno da pressuposição, em contraste ao processo do subentendido

**Pressuposição** é uma das formas de se dizer implicitamente alguma coisa que, uma vez sendo dita, não pode ser negada, pois se encontra inscrita na própria estrutura lingüística. Assim em linguagem verbal, muito do sentido vem implícito na própria forma de expressão. Ao dizer que *ele deixou de beber*, já digo que ele bebia antes e que já não bebe mais também. O interessante a observar é que não se negam os pressupostos de uma frase, mesmo colocando-a na negativa. Veja: *o exemplo: Pedro não bate mais na mulher*- Pressuposto: *Ele batia na mulher*. Precisamos ficar atentos aos pressupostos de um texto, eles são fundamentais na sua interpretação.

Há um outro tipo de implícito, que se chama **subentendido**, que depende do contexto situacional para ser entendido e não mais apenas da decodificação da estrutura lingüística. Vejamos um exemplo:

--Vai a minha festa?

– A minha mãe está doente. Neste caso, a amigo não respondeu à pergunta, mas pelo contexto, pela situação, percebe-se que não irá à festa, pois subentende-se que ele tem que cuidar da mãe. Sua fala torna-se um indício para essa conclusão. O subentendido diferentemente do pressuposto, pode ser negado ou ignorado. Suponhamos que esse alguém em sua resposta pudesse responder:

– Ela está doente, mas irei, sim, pois hoje há uma enfermeira que está cuidando dela.

A pressuposição é um mecanismo discursivo que permite ao leitor perceber certas palavras ou expressões contidas na frase, uma vez que são recuperadas as informações lingüisticamente, isto é, elas são derivadas da decodificação de elementos do sistema lingüístico. Os pressupostos são admitidos como verdadeiros, sob pena de descaracterizar a informação veiculada na interação. Valendo-se do fato de que as informações não admitem negação ou contestação de veracidade, o locutor impõe ao interlocutor um valor de argumentação, visto que o discurso passa a ser direcionado e locutor transforma o seu interlocutor em cúmplice. Na hipótese de contestação de verdade, ou seja, caso o ouvinte discorde da pressuposição, o discurso envereda-se para o debate carregado de animosidade e polêmica.

As pistas textuais que materializam a pressuposição podem ser: uso de certos advérbios; conjunções subordinativas concessivas ou temporais; certos verbos em construções subordinadas substantivas; o uso de orações adjetivas; partícula de realce etc. Essas pistas permitem uma economia no texto, uma vez que ela é a propriedade pela qual podemos usar um mínimo de palavras, sem que isso prejudique o ato comunicativo. Algumas palavras são ditas, outras são pressupostas e sua decodificação é essencial no ato da leitura.

Já no caso dos subentendidos há insinuações ocultas por trás de uma afirmação. O subentendido é interpretado pelo interlocutor, pela situação, visto que o locutor mantém-se escondido no sentido literal das palavras. Trata-se de um recurso de proteção, já que o locutor preserva-se de qualquer ataque de refutação do interlocutor.

Em se tratando das HQs, os implícitos, caracterizados pelos pressupostos e subentendidos são marcas discursivas que podem ser exploradas com grande eficiência, por se tratar de uma narrativa curta, o apelo ao não-dito associado ao icônico é maior, já que o leitor não pode se eximir de uma leitura com base no preenchimento das inferências semânticas e pragmáticas.

#### **4.3.2. A Ambigüidade**

Ambigüidade é a duplicidade de sentidos que pode haver em uma palavra, em uma frase ou em um texto inteiro. Quando empregada de forma intencional, a ambigüidade se torna um importante recurso de expressão.

A ambigüidade é, freqüentemente, utilizada como recurso em textos poéticos, publicitários, humorísticos, sobretudo nos textos aqui analisados: histórias em quadrinhos. Essa marca enunciativo-discursiva pode ser polissêmica ou estrutural. Em se tratando de ambigüidade polissêmica, um vocábulo pode apresentar mais de um significado, muitas vezes, condicionado ao contexto semântico-pragmático; podendo ser evitado por meio da substituição ou através do esclarecimento discursivo.

A ambigüidade estrutural é ocasionada por construção sintática. As HQs apelam muitas vezes para esse recurso estrutural, visto que o humor que se prende, muitas vezes, à quebra de expectativa, pela forma como o texto foi estruturado, para provocar reações de humor no leitor. Trata-se de um ato de cooperação do leitor e do produtor do texto. Este por articular as palavras de modo a combiná-las, intencionalmente, na produção do discurso; ao passo que aquele, por se munir das competências: lingüísticas, estilísticas e discursivas, ao se lançar sobre o texto, percorrendo as pistas textuais e preenchendo as lacunas, através do processo de inferenciação

#### **4.3.3. A Ironia**

Define-se ironia como a figura que leva a entender o contrário do que se diz. Muitas vezes, reporta-se à Retórica para explicar a ironia como “contradição lógica”, isto é, um enunciado irônico, em que uma proposição (p), de uma parte, e uma proposição (q), de outra parte, em que p e q são simultaneamente apresentados como

válidos no engendramento da contradição, o que obriga o destinatário a escolher um dos termos; pois um deles representa o que realmente pensa o locutor e o outro é falso.

Por se tratar de um mecanismo de rejeição discursiva, a Ironia designa o ato de dizer aposto àquilo que tínhamos formulado. Se baseáramos em Grice (1982), a Ironia é justamente a violação à Máxima de Qualidade, ou seja, não dizer aquilo que acreditamos ser falso. É um recurso de que utiliza o enunciador discursivo para “agredir” ou “satirizar” o interlocutor sem comprometer-se inteiramente.

O ato de linguagem irônico consiste numa espécie de “contra-verdade”, ou seja, consiste em “dizer o contrário do que se quer significar”, ou, ainda, “significar mais do que literalmente se diz”. Nesse sentido, a ironia é vista, então, como uma argumentação baseada no contrário do que se afirma, uma comunicação por implícitos textuais. E por trabalhar com implícitos, na ironia também se joga com sentidos literais e conotativos.

Alguns autores relacionam a ironia ao fenômeno da polifonia, ao domínio da realizações polifônicas: (Ducrot) para esclarecer categorias do ato de linguagem irônico. Ele explica que há um locutor e um enunciador como instâncias distintas, no sentido de que o falante irônico “faz ouvir uma voz” da qual se distancia, mas a qual se sustenta pela enunciação, isto é, o que é diretamente expresso num ato de fala irônico não é assumido como ponto de vista do locutor ironista., mas como se fosse o discurso de um outro (enunciador). O caráter absurdo desse discurso em determinada situação é que levaria o ouvinte a inferir a sua significação irônica e, então, captar a intenção comunicativa do falante.

Desse modo, então, é a relação contratual entre locutor e alocutário, em termos de “saberes partilhados”, que vai propiciar a compreensão de uma intencionalidade irônica.

Reportando-nos à noção de “mise-en-scène” do ato de linguagem proposta por Charaudeau, (1983) que compreende um duplo circuito: uma instância situacional (circuito externo, dos a tores do discurso) e uma instância discursiva (circuito interno, dos enunciadores), o autor lembra que, a partir disso, o locutor instaura um enunciador e um destinatário, considerando-se os papéis que os interlocutores vão desempenhar na

comunicação, com base no reconhecimento mútuo enquanto parceiros. Nessa relação interativa assimétrica, tanto o enunciador quanto o destinatário constituem desdobramento dos sujeitos comunicante e interpretante.

Assim, num ato de linguagem irônico o destinatário aparece como construção/projeção de um sujeito capaz de captar a intenção irônica. Esclarecendo: o sujeito interpretante deve identificar-se com o sujeito destinatário, operando uma disjunção entre locutor e enunciador e assimilando a intenção irônica. O ouvinte deve dissociar o ponto de vista do falante (o ironista) daquele que é formalmente expresso no ato de fala tomado em sua literalidade.

No que se refere às HQs, a ironia é um mecanismo importante, muito utilizado pelo seus produtores, sendo um de seus objetivos maior desse gênero discursivo, entre tantos outros, é expressar uma idéia ou sentimento através das palavras, que aparentemente, exprimem o contrário. Ler uma HQs é perceber as sutilezas textuais e inferir a partir delas os enunciados irônicos e sua funcionalidade nas tirinhas. As personagens, em geral, ou dizem aquilo que não acreditam ser, violando a Máxima da Qualidade, proposto por Grice; ou resgatam um eco discursivo percebido na polifonia.

#### **4.3.4. O Discurso Polifônico**

O fato de os indivíduos procurarem organizar-se em grupos e terem que atuar sobre o conflito que os diferentes interesses geram, faz com que o discurso seja, necessariamente, dialógico.

*Nossa fala, isto é, nossos enunciados... estão repletos de palavras dos outros, caracterizadas, em graus variáveis, pela alteridade ou pela assimilação, caracterizadas, também em graus variáveis, por um emprego consciente e decalcado. As palavras dos outros introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos.*(Bakhtin, 1992,314)

O fato, pois, de nenhum enunciado surgir do nada, mas da relação que o enunciador constrói com outros enunciados, representa uma primeira dimensão da *dialogicidade* de qualquer discurso. E como o enunciador, para escolher o modo de sua enunciação, necessariamente precisa tomar como referência seu interlocutor, a dialogia

também se constrói com os discursos ainda não produzidos, o que completa e fecha o processo na medida em que o discurso produzido se faz, por sua vez, referência para os que serão ainda construídos.

O recurso do dialogismo é, pois, inerente a todo discurso e, na medida em que diz respeito a vozes que antecederam a do enunciador e às que poderão sucedê-lo, explicita a dupla função da linguagem: não há enunciado que não exiba traços do produto histórico da atividade humana e que, objetivado, não possa servir de referência para que novos enunciados sejam construídos e nos quais se manifeste uma maior ou menor superação do que estava socialmente posto.

Isso que quer dizer que o discurso é, também, como realidade social, heterogêneo, ou melhor, revela uma *polifonia* que pode:

- a) ser resultado da alteridade que marca os atos de fala, quando a citação do enunciado de outrem se faz através das inúmeras formas de inserção que o discurso aceita;
- b) nos limites da atividade coletiva, ser também produto de pressão de interesses de um determinado grupo social, em termos de a repetição de vozes marcar uma identidade e valoração do modo de enunciado;
- c) ser entendida, em casos bem específicos, como resultado das relações entre os diferentes grupos sociais, de modo que os enunciados de um lugar social, eventualmente, passam a ser usados por enunciadores de outro.

Dessa forma, um texto é a expressão de um enunciador, o “dono da voz”. Esse enunciador, entretanto, pode lançar mão do recurso polifônico para abrir espaço para outras vozes, de maneira clara (discurso relatado, através de citações) ou de maneira velada, pelo discurso indireto livre. O termo dialogismo é carregado de uma pluralidade de sentidos. Além disso, foi introduzido, muitas vezes, como intertextualidade; o que provoca uma certa confusão entre conceitos. Alguns autores utilizam o conceito de intertextualidade para se referir às inserções de outras vozes no texto, na forma de citação, paráfrase, alusão etc. O dialogismo, por vezes, também é chamado de polifonia ou discurso reportado.



No que diz respeito às Histórias em Quadrinhos, a polifonia é uma marca enunciativo-discursiva que exige do leitor conhecimento prévio, já que a alusão ao discurso de outro, vez por outra, não vem, textualmente, caracterizado. A percepção do coro de vozes é inferido pela leitura que implica repertório, acervo de conhecimentos entre outras manifestações a fim de que se possam estabelecer as relações entre os textos. A compreensão das HQs, no que se refere à polifonia, requer do leitor perspicácia, para que possa perceber a “teia” de vozes que vão emergindo no processo da construção dos sentidos, na retomada do “dado” e na composição do “novo”.

## 5. ANÁLISE DO CORPUS

### Análise 1



A tira de Hagar, o horrível veicula um pressuposto, já que é uma idéia expressa de forma não explícita; mas que o leitor pode inferir através da seguinte expressão: *Quero homens casados!*

O leitor deve levar em consideração que o perfil de Hagar é a de um “viking” que, por mais que tente impor a imagem de chefe de família, de um dominador, de machista convicto; deixa-se dominar pela esposa Helga, cujos atributos são de uma mulher “machona”, mandona e dominadora.

Ao proferir: *Quero homens casados!!*, somando essa expressão a toda organização textual que compõe o quadro; o leitor ativa o conhecimento prévio, inferindo os seguintes contextos:

Homem Casado:	Positivo	x	Negativo
	- responsável;		- desgastado;
	- maduro;		- chateado;
	- de caráter;		- cansado;
	- provedor;		- aturar a mulher;
	- protetor;		- aturar os filhos;
	- organizado;		- gastar dinheiro.

Ao propor aos homens: disposição ao sacrifício, concordância e aceitação das ordens estabelecidas, o fato de não se incomodar com as situações inusitadas e,

sobretudo, homens acostumados com o perigo; o leitor articula os modelos cognitivos globais que vão estabelecer, imediatamente, a figura de um soldado, de homens que são solicitados, anualmente, para compor a corporação de um exército. Pessoas que serão preparadas para os contextos de guerra. O humor consiste, exatamente, no fato de o personagem proferir a frase: *Quero homens casados!!*

O pressuposto acarreta uma informação implícita: apenas os homens casados estão preparados para o sacrifício, para o temor, para o sacrifício, para o perigo e para acatar as ordens; ou seja, uma situação de guerra não difere de uma situação de convívio familiar. A leitura do quadrinho disponibiliza ao leitor a seguinte inferência: Hagar enquadra-se tal como os outros convocados para a tripulação, já que o convívio com Helga e os filhos propiciam sacrifício, incômodo e regras estabelecidas.

## Análise 2

### Gente fina ■ Por Bruno Drummond



A cena descreve o encontro, possivelmente, inusitado entre amigos que não se viam há muito tempo. Ao estabelecer um diálogo entre ambos, o leitor, previamente, deve perceber o comportamento dos dois homens, quanto à maneira de se vestir, a composição da personalidade de cada um e o posicionamento dos gestos.

O primeiro personagem, que indaga ao amigo Régis, aparece caracterizado de forma despojada, os cabelos não apresentam formalidade, possui um “leve” cavanhaque e usa uma pasta carregada a tiracolo; possibilitando ao leitor pontuar as pistas que registram um perfil informal. Ao contrário do amigo, Régis se mantém com porte imponente, usa óculos, tem os cabelos penteados, conserva as mãos nos bolsos da calça, estabelecendo um certo distanciamento e um “ar” circuspecto, orgulhoso e pedante.

O pressuposto do quadro em análise estabelece, justamente, uma quebra de expectativa. Ao retrucar a pergunta do amigo, Régis declara o que realizou na Inglaterra: *fiz mestrado, doutorado e pós-doutorado em eletrodinâmica quântica na Universidade de Oxford*. Convém comentar que o nome da universidade aparece em negrito, já que o leitor deve captar essas pistas no ato da leitura.

Um profissional habilitado: com vários títulos e com um currículo excelente pressupõe, exatamente, sua capacidade em assumir cargos de destaque, importantes, acompanhados de remuneração condizente à sua formação acadêmica, ao seu nível profissional e *status* social.

Ao revelar que trabalha no *Rei da Empada*, o leitor infere, através do pressuposto, que a formação acadêmica não é condição *sine que non* que habilite e empregue o personagem no mercado de trabalho, até mesmo aprovando-o em algum concurso público. Régis estaria apto a assumir até mesmo o cargo de professor universitário; todavia trabalha em uma lanchonete, possivelmente, como atendente ou auxiliar de serviços gerais.

O ato de pressupor possibilita que o leitor ative os modelos cognitivos globais, articulando a partir da associação entre verbal e não-verbal as pistas textuais que conduzem a leitura do texto para a seguinte conclusão: formação acadêmica não é mais uma condição para se estabelecer profissionalmente.

### Análise3



Os pressupostos são marcados na frase por vários operadores discursivos. Nesse texto, em análise, é patente que o advérbio *ainda* é o indicador lingüístico que caracteriza o diálogo entre as duas amigas.

Partindo para a leitura do texto não-verbal, podemos perceber que há duas mulheres conversando sobre as relações conjugais da atualidade e que, provavelmente, estejam praticando ginástica. É evidente que entre elas há uma diferença de idade, marcados não só no verbal, como também no não-verbal. Uma das amigas que se

encontra em pé aparenta ser mais jovem, já que podemos destacar as seguintes pistas: o penteado dos cabelos; sua orelha tem um brinco principal e dois brincos acessórios; há uma tatuagem em formato de estrela, localizada na região da cintura; sobre o umbigo é visível que se trata de um *piercing*; utiliza duas peças de roupa: um *top* e uma calça no estilo *Saint-tropez*, exibindo a silhueta e, por fim, a habilidade dos exercícios sugerindo um certo vigor juvenil.

No que diz respeito à outra amiga, o que caracteriza a maturidade é registrado pelas determinadas pistas: mantém os cabelos presos; utiliza apenas um brinco sem acessórios; veste com malha única e, finalmente, sugere gestos lentos nos exercícios.

O leitor ativa, imediatamente, o processo inferencial, deduzindo que se trata de duas gerações, cujos comportamentos e ideologias manifestam diferenças temporais. No momento que a personagem fala: *mas hoje em dia, a gente ainda...*, o leitor deve pressupor que, anteriormente, as práticas conjugais obedeciam a um esquema e/ou etapas galgadas seqüencialmente.

Ao retrucar a opinião da mais jovem, a amiga caracteriza uma atitude categórica em seu discurso: *mas no meu tempo era com a mesma pessoa*, já que as práticas do relacionamento conjugal são caracterizadas, implicitamente, pela manutenção do mesmo cônjuge. Já o operador *mas* ratifica o pressuposto, indicando a adversidade ou a oposição ao pensamento manifestado anteriormente.

#### Análise 4



A tira, em questão, caracteriza-se por apresentar implícitos. Trata-se de um subentendido em que o enunciador se exime de qualquer responsabilidade interpretativa, cabendo apenas ao leitor a detenção das pistas textuais.

A leitura é permeada de índices fixos sobre a narrativa de Hagar, o horrível. O leitor deve saber, previamente, que se trata de um personagem *bonachão, preguiçoso, sonhador, temeroso à mulher e metido a comandante* de um exército composto de três a cinco homens.

O humor do quadrinho consiste em identificar a presunção de Hagar, uma vez que ao ler o texto não-verbal, é patente que há uma contradição entre os dois adversários:

Hagar	x	Cavaleiro
- desarmado;		- armado;
- camponês;		- cavaleiro andante;
- despreparado estrategicamente;		- preparado estrategicamente.

O subentendido caracteriza-se pelo fato de, mesmo sem munição de guerra, Hagar ainda pretende derrotar o cavaleiro. Ao proferir a expressão: *Que tal se eu puser um mão nas costas?*, infere-se que a luta não seria justa para o adversário, que, embora estivesse armado, seria derrotado pelo “ corajoso viking”. Hagar, justamente, não se considera inferior ao inimigo, mas sim alguém que domina um exército, detém qualquer antagonista, representando a ousadia, a coragem, a força, ou seja, um homem indestrutível.

## Análise 5



A cena enunciativa descreve a conversa entre duas amigas, que se encontram, provavelmente, em uma lanchonete.

Comparando as personagens, através do texto não-verbal, é possível observar a caracterização que estabelece a diferença entre ambas. A primeira se compõe, despojadamente, como uma mulher que frequenta academia de ginástica e musculação; veste-se com uma calça de malha, de forma que possibilite a exibição da tatuagem e as saliências da silhueta; usa *top*, de modo que facilite perceber a exibição dos seios

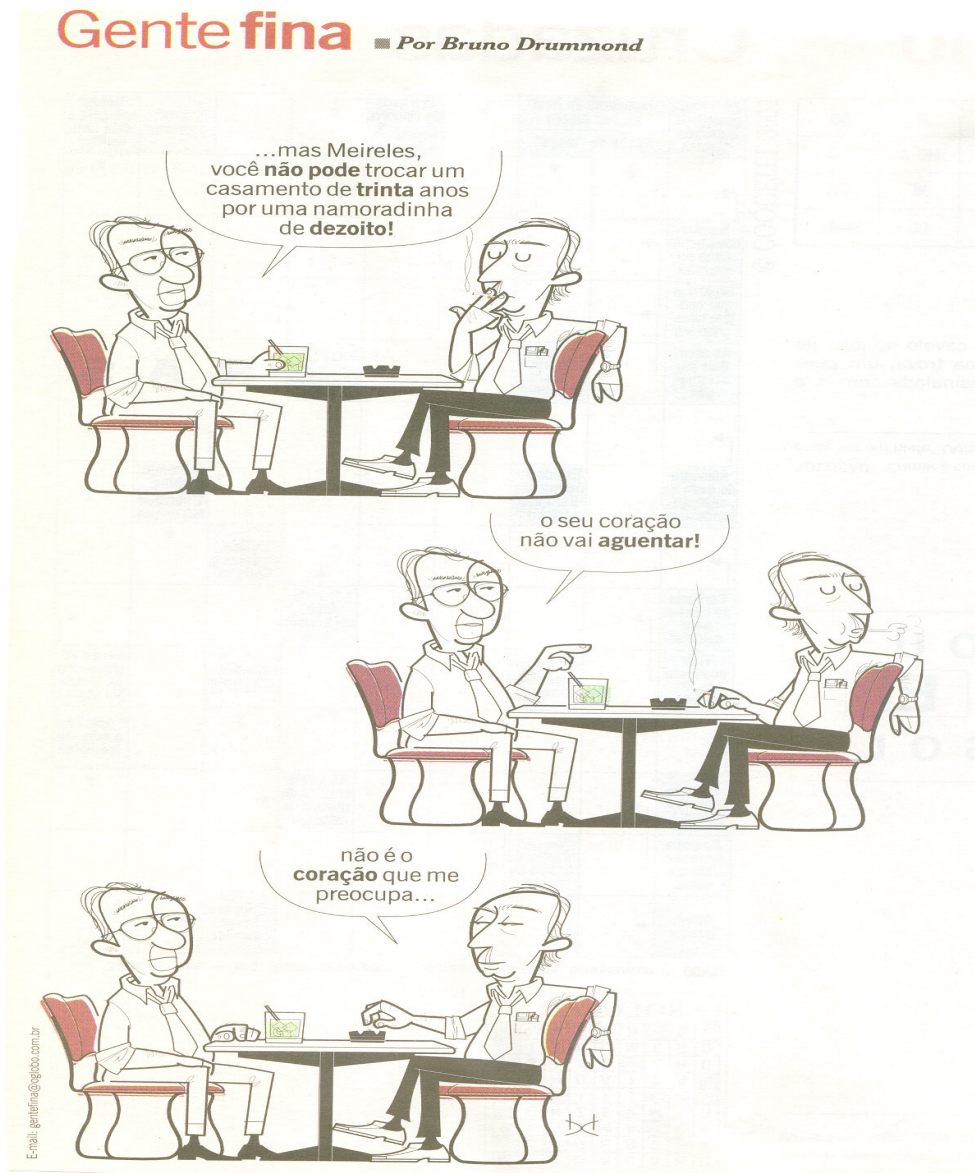


acentuados; exhibe o umbigo com um *piercing*; posiciona-se na cena, insinuando um certo tom vulgar, de mulher no estilo: “cachorra”, “vagabunda” e sem recato. Em contrapartida, a amiga exhibe um perfil discreto: cabelos presos, blusa de manga comprida e calça que cobre a maior parte da perna.

O diálogo se desenvolve com um tom de pudor e seriedade, censurando o comentário de um homem dirigido à primeira personagem: *Oi, te como todinha!* As palavras: *canalha, cafajeste, mentira e juro* pontuam a indignação pela falta de decoro e o tratamento dispensado a uma mulher.

Ao responder: *eu dei...*, quebra-se a expectativa do leitor e produz-se o humor. O subentendido que alicerça o texto, de fato, parte da seguinte inferência: a mulher está perdendo os valores morais, está se vulgarizando; tornando-se um “mero petisco”, um objeto de prazer, descartável e sem valor. Nesse texto, fica claro que o subentendido tem por finalidade isentar o produtor do texto de comprometimento, uma vez que delega ao interlocutor a responsabilidade de interpretar as pistas.

Análise 6



Diferentemente dos pressupostos, os subentendidos são marcas enunciativo-discursivas que se referem, especificamente, ao interlocutor e à cena discursiva.

O quadrinho de Bruno Drummond ilustra bem o subentendido, já que o implícito é inferido no ato da situação. Na conversa estabelecida entre os dois personagens, que compõem o contexto masculino, focalizam-se dois homens maduros, que, provavelmente, têm a mesma faixa etária, podendo ser comprovado pela fisionomia e pelas rugas de expressão delineadas no rosto deles. É bem provável também que

pertencam à classe média alta, conforme é permitido visualizar através do comportamento e do traje social: o uso da gravata, o uso do sapato e a cena enunciativa.

O amigo opina, tentando argumentar a favor da manutenção do casamento, em detrimento, talvez, de uma escolha prematura. Cita o substantivo *namoradinho*, cujo sufixo remete ao valor semântico pejorativo: insignificante, descartável e sem importância; argumenta, ainda em prol da saúde do companheiro, que, possivelmente, já tem uma idade avançada e não acompanharia o ritmo frenético de um romance jovem, frívolo e viril.

O humor discursivo ativa o processo inferencial do leitor, no que diz respeito aos órgãos do corpo humano. Somando imagem texto, cabe ao leitor subentender a resposta do personagem Meireles ao amigo: *não é o coração que me preocupa...* O contexto frasal reticente nos leva a ativação da seguinte oposição:

	Coração	x	Objeto não-identificado
Concreto	x		Abstrato
Saúde			_____
Ritmo cardíaco	amor		potência
Desobstrução	paixão		virilidade
Exames de rotina	afeição		ereção
não apresentar cardiopatia	carinho		prazer
órgão musculoso	proteção		orgasmo
	respeito		ejaculação

Ao rebater ao amigo que o coração não o preocupava, o personagem, através do texto não-verbal, lança uma idéia, subentendendo-se que o ponto de fragilidade e preocupação é a saúde de seu *pênis*, pelo fato de o mesmo não possuir todos os atributos do objeto não identificado: sem potência, sem virilidade, sem ereção etc.

O conhecimento prévio, ativado pelos modelos cognitivos globais, direciona o leitor para o seguinte fato: trata-se de um homem de meia-idade, que já não tem tanto vigor sexual, a ponto de não poder acompanhar um jovem adolescente de dezoito anos. A sutileza de inferir sobre um subentendido requer que o leitor perceba as marcas pontuadas, tanto no aspecto verbal, quanto no aspecto não-verbal. A produção do implícito, no que se refere ao subentendido, ativa o *ethos* do homem viril, ou seja, a designação de costumes e das referências morais, afetivas, comportamentais e intelectuais de uma pessoa ou, até mesmo, da sociedade. Convém observar que, no contexto social, os homens casados, com relativa idade costumam partir para aventuras com jovens moças, muito embora não assumam o ônus que esse tipo de relacionamento pode acarretar.

#### Análise 7



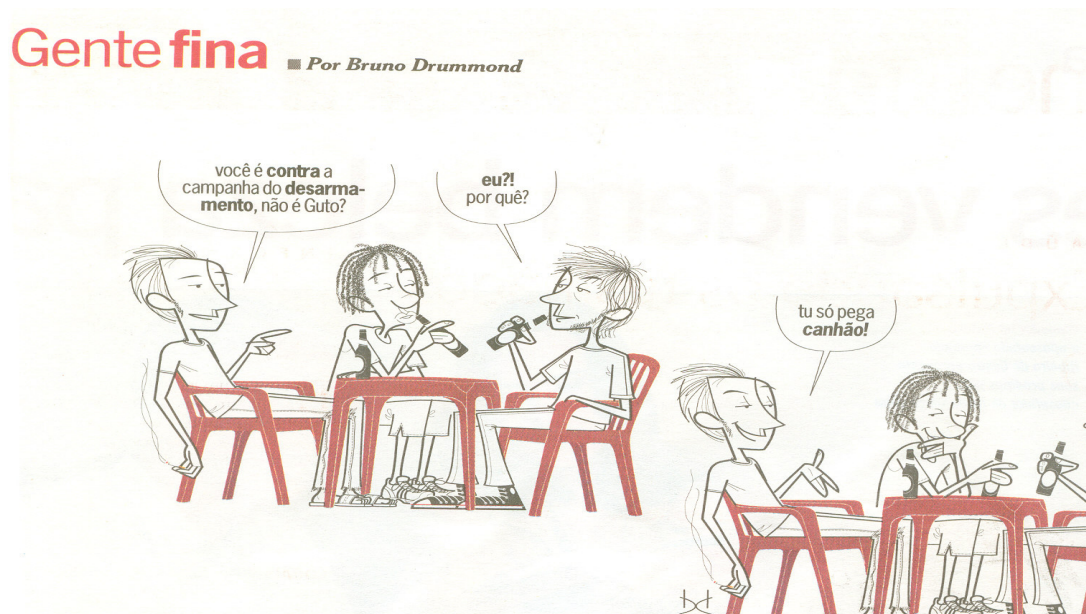
O quadrinho em questão leva em consideração a ambigüidade como uma marca enunciativo-discursiva que ativa o processo inferencial.

O diálogo entre as duas amigas ilustra a narrativa social, configurada no contexto feminino. A palavra que provoca o humor na tira é *cama*. Trata-se de um recurso ambíguo, do ponto de vista polissêmico, pois, no momento em que uma das personagens questiona a situação do casal, abre-se a duplicidade de sentido, gerando uma expectativa de leitura.

Entre tantas estratégias de sentido que o produtor de quadrinhos pode utilizar, deve-se levar em consideração o recurso do humor. Há duas formas de produzi-lo: ou a personagem efetua a leitura do texto ao *pé-da-letra*, utilizando o sentido literal das palavras, ventilando a possibilidade de uma resposta no âmbito do absurdo; ou a mesma efetua a quebra de expectativa da leitura.

O texto analisado provoca o humor através da ambigüidade polissêmica, já que a palavra *cama*, além do sentido literal, também alude ao contexto amoroso-sexual de um casal: posição sexual, prazer, orgasmo, brincadeira e/ou fantasias sexuais, entrosamento etc. O fato de a personagem ter interpretado, literalmente, quebra a expectativa do leitor, bem como possibilita a referência à outra leitura. O fato de um casal ter uma cama separada, ou melhor, individualmente, implica separação de corpos e, conseqüentemente, a separação dos cônjuges.

Análise 8



Algumas vezes, ao ler uma história em quadrinhos, faz-se necessário que o leitor recorra a elementos extra-lingüísticos, com a ativação dos conhecimentos de mundo. O texto, em análise, deve ser abordado pela perspectiva de um leitor que veicule enunciado ao evento da enunciação, ou seja, é preciso que saiba a respeito do *referendo* (direito de pronunciamento do cidadão a cerca do desarmamento) e, talvez, reconhecer a duplicidade de sentido que a palavra *canhão* costuma acarretar.

A ambigüidade é sugerida, através do diálogo entre três rapazes que satirizam a atitude de um deles a respeito do referente contextualizado: *canhão*. Estabelecendo uma comparação entre o sentido denotativo e o sentido conotativo, chega-se ao seguinte campo semântico:

Canhão (denotativo)	x	Canhão (conotativo)
_ instrumento de artilharia;		_ mulher gorda;
_ grande porte;		_ sem vaidade;
_ usado em situações de guerra;		_ sem charme;
_ relacionado a conflitos;		_ não tem serventia sexual;
_ não possui <i>design</i> moderno;		_ mulher horrorosa.
_ carro de exército;		_ mulher encalhada.

O sema comum: *mulher canhão* não está associada a prazer ou beleza, é muito ruim, muito feia, não possui atributos.

A ambigüidade filia-se, justamente, ao fato de que os amigos debatiam a cerca do tema do desarmamento, ou seja, a propósito do tema que estava sendo discorrido. O substantivo *canhão* assume duplo sentido, uma vez que deixou de se relacionar ao campo semântico de material bélico, passando ao campo semântico de adjetivos pejorativos, caracterizadores ou qualificadores de *mulheres feias*. O leitor deve reconhecer a ambigüidade lexical, ativando os modelos cognitivos globais e processando as inferências textuais.



O humor de uma história em quadrinho consiste, entre tantas marcas, na quebra de expectativa. Hagar é um *viking* que associa o discurso sempre ao sentido literal das palavras e a ambigüidade deve-se, exatamente, à estrutura frasal.

Hagar é um fanfarrão que não compartilha as atividades do lar com a esposa Helga. Exime-se de qualquer responsabilidade caseira, aumentando e sobrecarregando a mulher. Há, no texto, uma certa animosidade no discurso de Helga, indignada com o marido, que não se abala com o esforço dispensado da mesma. O texto não-verbal confirma a atitude de revolta da personagem nas cenas, a saber: na primeira, Helga está em pé e Hagar está sentado; na segunda, Helga esbraveja e gesticula muito nervosa e na terceira, Helga pressiona o marido, manifestando uma pergunta, cuja estrutura remete a uma ambigüidade estrutural.

Quando pergunta ao Hagar: *Pergunte a si mesmo! Onde você estaria sem mim?*, Helga aguarda do marido uma resposta favorável e solidária, um apoio e uma expressão de valorização. No entanto, o *viking* não interpreta a pergunta; momento que inferimos, através da estrutura da resposta, que se trata de uma ambigüidade estrutural, ou seja, a formulação da pergunta: *Onde você estaria sem mim?* Remete a um adjunto adverbial de lugar e não o reconhecimento de um juízo de valor, da competência de uma mulher zelosa, protetora e administradora do lar.

*Paris* é um adjunto adverbial que, no texto, preenche a pergunta interpretada, literalmente, por Hagar. O último quadro encerra o texto, já que confirma que Hagar está errado, pois o leitor deverá associar texto verbal e texto não-verbal: balãozinho tremido, círculos ao redor da cabeça do personagem, estrelas que sugerem agressão física e o corpo jogado ao chão.

A ambigüidade é uma marca enunciativo-discursiva que produz sentido ao texto, uma vez que o leitor pode inferir que a resposta *Paris* não projetava a expectativa de Helga, mas poderia ocupar uma lacuna, de modo que fosse admitido como resposta ao operador *onde* que, gramaticalmente, exige uma circunstância de lugar.

#### Análise 10



Dominique Maingueneau (1997) declara que o recurso da ironia mantém a propriedade de rejeitar, sem fazer uso de algum operador discursivo. A tira ilustra a cena de Helga que faz menção à palavra *perfeito*. Sabendo-se que a leitura de história em quadrinho utiliza-se dos expedientes: verbal e não-verbal, é possível recuperar, através do contexto, a produção de sentido desejada.

Helga é uma esposa categórica, que detém as rédeas do marido. Sua função na narrativa é de impor limites, mandar, frear as “alucinações e as aventuras do viking desorganizado, preguiçoso, beberrão e sonhador. Helga assume a função de antagonista do marido, quando tece as várias cobranças que o mesmo não pode cumprir.



*Perfeito* é um adjetivo que assume um grau superlativo que qualifica, na escala argumentativa, o último patamar que algo ou alguém possa ter a honra de receber. O leitor, acostumado a acompanhar, diariamente, o quadrinho, sabe, previamente que Hagar não é merecedor desse tipo de lisonja, uma vez que o personagem é caracterizado por esse tipo de comportamento. Convém lembrar que se trata de uma narrativa fechada, cuja possível alteração acarretaria na descomposição do texto. O humor é mantido, exatamente, por esse aspecto bonachão, fanfarrão, relapso, desorganizado e preguiçoso.

O recurso do texto não-verbal explorado, através do posicionamento de Helga, das mãos espalmadas, das lágrimas, da comoção, da emissão da onomatopéia *snif*, representado o lamento; do desenho do coração na cena três e do ato de apoiar a mão esquerda sobre o peito compõem com o texto verbal uma verdadeira ironia.

Helga enfatiza que aquele momento bem como Hagar são perfeitos, idealizados, românticos e sentimentais, sugerindo, através das seguintes expressões: *capturara esse momento na minha mente para sempre!*, *ocê parado aí na porta com o sol de fim de tarde!*, *o canto dos pássaros felizes e é muito para um pobre coração* .

Apesar de a tira abordar tamanha emoção que parte de Helga, o leitor perspicaz deve levar em consideração que a produção de sentido, ou melhor, a intenção é a provocação da ironia, já que o comportamento do marido não endossa a enunciação. Ingedore Koch (2004) cita Sperber e Wilson no tocante ao fato de a ironia encerrar um velamento em si, pois, mesmo havendo sutilezas no enunciado, há falta de pertinência ou inexatidão. Helga produz um discurso que não acredita ser verdadeiro, pois os indícios não corroboram com as palavras, manifestando, portanto, a presença do sarcasmo, pelo fato de a ironia ser direcionada a um possível destinatário, no caso o marido Hagar.

## Análise 11



Mais uma vez, cabe ao leitor recuperar os índices textuais que conduzem a ironia. As pistas no texto não-verbal confrontam duas personagens, que, na cena enunciativa, estabelecem duas gerações distintas. Ao lado do personagem Robert, com uma das mãos apoiadas no ombro do filho, há uma mulher que compõe a imagem de forma distinta. Com um penteado formal, veste-se com uma blusa de manga comprida e uma saia que ultrapassa os joelhos. Elegantemente, mantém a bolsa sobre os ombros e um par de óculos escuros. A mesma utiliza meio-salto, estilo *anabela* e se comporta, recatadamente, ajustando-se a um contexto social, provavelmente, privilegiado. Em

contra partida, a mulher mais jovem ajusta-se num *tubinho*, tem os cabelos soltos, calça um sapato estilo *Luís XV* e ilustra uma bolsa bem no estilo jovial: pequena.

Aliando texto e imagem, é possível identificar uma personagem eivada de ciúmes, que direciona, pejorativamente, o termo *dinossauro oxigenado* à mãe do rapaz. A menção a esses vocábulos recobra a noção de ironia, visto que a personagem direciona o alvo de sua crítica à adversária em potencial. Segundo Ingedore Koch (2004): *as ironias têm um alvo determinado, já que quando o eco é próximo e precisável, o alvo são as pessoas as quais elas fazem eco. Ainda citando a autora: se faz eco ao destinatário, tem-se o sarcasmo.*

Ao ler o quadrinho, o leitor ativa o *ethos* da relação sogra x nora, ou seja, a infinita disputa entre mãe e esposa, em situações hostis e inusitadas de desentendimento. A expressão pejorativa infere conceitos que encerram a noção de ofensa, tais como: *velha, antiquada, ultrapassada e jurássica.*

O sarcasmo é uma crítica mordaz, ou seja, é a designação dada à ironia, quando está direcionada a um interlocutor preciso. Trata-se, na verdade, de um estímulo à agressão verbal sem utilizar palavras corriqueiras, que recobram valores negativos. O leitor deve compreender que a expressão não configura elogio. A sugestão está alicerçada no evento da enunciação, na associação do *ethos*, nos pressupostos e na cena enunciativa que caracterizam o efeito de ironia.

Análise 12



Observando a tira, é evidente o confronto entre dois exércitos numa situação belicosa, mesmo que a composição não seja justa para um contexto de guerra.

Hagar, muitas vezes, é um sonhador, pensa numa dimensão que não corresponde, autenticamente, ao contexto, quando, num momento de delírio julga ser capaz de criar uma tropa com três pessoas, como é desenhado na tira. A marca enunciativo-discursiva aborda a palavra *atacar*, posto que a ironia é uma menção ao vocábulo, mantendo em si um velamento, cuja propriedade é rejeitar sem a utilização de operadores.

Há uma contradição flagrante no texto. Ataque é o ato de investir-se contra o outro, de forma corajosa, destemida, munido de armas para praticar a ação. O leitor deve perceber as nuances da cena, já que a ironia não parte de Hagar, mas sim de um de seus “homens de tropa”. Ao proferir: *Ele tem senso de humor, né?*, o personagem ironiza o comandante, levando a crer que um exército, composto de três homens não estaria em condições de enfrentamento, restando apenas o recuo.

A produção de sentido que o leitor deve captar parte, não só da recorrência ao não-verbal, ao icônico, mas também ao discurso produzido. *Atacar* com destaque em negrito e caixa alta ratifica a intenção do enunciador para o fato de que a ironia instaurou-se no texto; ou seja, o discurso do soldado emite ressonâncias de um evento contraditório à enunciação.

## Gente fina ■ Por Bruno Drummond



O quadrinho caracteriza um casal que debate, através do diálogo, o desempenho sexual que não desenvolveu satisfatoriamente.

É evidente que, pelas pistas do texto não-verbal, o casal não corresponde à mesma faixa etária. Ela parece ser mais jovem, conserva uma libido que exige participação e vigor que o companheiro não pode proporcionar. Ele parece ter mais

idade, é fumante (e o cigarro é um dos componentes que contribuem para a impotência sexual), está fora de forma, parece ter adquirido peso acima do normal e mantém-se preocupado com o desempenho.

A polifonia retoma outras vozes que podem ser sinalizadas através das seguintes pistas: *broxar* e *outros*. É possível perceber um discurso machista que não admite a derrota, o fracasso, uma *performance* ruim, muito menos ser taxado de *broxa*. O substantivo *broxa* abala o ego masculino, visto que, socialmente, o homem é caracterizado pelo vigor, pela força e pela virilidade.

O texto dialoga com a máxima popular: *Pimenta nos olhos dos outros é refresco*. O diálogo polifônico possibilita descrever um homem que não assume seu fracasso, já que é machista; admitindo apenas que ocorra com outros homens, não podendo, de forma alguma ser sujeito do mal êxito. Até mesmo o leitor deve atentar-se para o fato de que o substantivo *broxa* remete a um sentido pejorativo, desagradável. A polifonia é uma marca enunciativo-discursiva, nesse texto, pois é possível perceber a voz do outro no discurso, no caso, um discurso machista.

#### Análise 14



A polifonia é uma marca enunciativo-discursiva sutil, que, não raro, o leitor iniciante sente alguma dificuldade de analisar. Entre tantas características que manifestam a polifonia, o pressuposto pode ser considerado um índice lingüístico-textual que evoca outras vozes à enunciação discursiva.

Na tira a ser analisada, Hagar e Eddie Sortudo encontram-se, basicamente, sem saída, numa dada situação conflitante. Há uma relação injusta de 500 guerreiros contra dois humildes “aspirantes”, despreparados para uma batalha que está para ser travada.

O segundo quadrinho representa o personagem em um momento de reflexão, ao que, no último quadro, Hagar declara: *Por que os homens não se amam?* A partir dessa declaração, o leitor infere o seguinte pressuposto: *Faça amor, não faça guerra! Paz na terra aos homens de boa vontade* ou *Amor com amor se paga!* Entre tantos ditos populares que recobram a pressuposição de que, na tira analisada, havendo amor, não há guerra, conflitos e batalhas.

O pronunciamento de Hagar, no último quadrinho traz para o discurso uma voz popular, ou seja, é da opinião geral que se valorize a Paz e o Amor entre os homens, acentuando valores como: respeito, solidariedade, fraternidade e igualdade de direitos. Dessa forma, a pressuposição, que é um implícito, acarreta um recurso polifônico, já que a enunciação discursiva imprime uma voz diluída no discurso de Hagar.

## Análise 15



A noção de polifonia, estabelecida por Ducrot, assevera o princípio da incorporação de uma voz do outro, que o locutor traz ao seu discurso. Trata-se do reconhecimento por parte do enunciador, ou melhor, de uma voz que pode ser percebida em nosso texto. Embora pertença a ele de fato, toma-se posse da palavra, adotando-a no discurso.

Há muitas características peculiares que estabelecem o recurso polifônico. No texto analisado, é possível identificá-lo através do uso do futuro do pretérito; atribuindo ao enunciador a responsabilidade do dito. As duas personagens compõem o contexto jovem das narrativas sociais de Bruno Drummond, representando um momento de descontração, despojamento e diversão. Ambos os personagens compartilham da idéia de que o paraíso deveria representar uma *eterna pista de dança*, mencionando que *Deus seria o dj*, ou melhor, o sonoplasta ou produtor musical dos ritmos *trance*, *hip-hop* e *tech-house*.

É evidente que a sociedade, materializada através do inconsciente coletivo, não endossa esse tipo de comportamento. A projeção do discurso religioso evidencia-se na utilização do termo *inferno*, que recobra o seguinte *frame*: blasfêmia, desrespeito, bagunça, desorganização, orgia sexual, imoralidades etc, que denota a visão dois pais, o outro no discurso.

Ao produzir o diálogo, os verbos: *poder*, *ser* e *tocar* encontram-se flexionados no futuro do pretérito do modo indicativo, autenticando a polifonia como recurso inferencial, visto que o leitor, ao identificar as pistas lingüísticas, também compartilhará dessa opinião.



## **6. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E OS PCN: PROPOSTA DE TRABALHO COM AS HQS EM SALA DE AULA, APLICANDO CERTAS ESTRATÉGIAS DE LEITURA**

*Se o objetivo das aulas de língua portuguesa é oportunizar o domínio do dialeto padrão, devemos acrescentar outra questão: a dicotomia entre ensino da língua em meta-linguagem. A opção de um ensino de língua considerando as relações humanas que ela perpassa (concebendo a linguagem como lugar de um processo de interação), a partir da perspectiva de que na escola se pode oportunizar o domínio de mais outra forma de expressão, exige que reconsideremos 'o que' vamos ensinar, já que tal opção representa parte da resposta do 'para que' ensinamos.*

(João Wanderley Geraldi)

O ensino de Língua Portuguesa, tradicionalmente, tem se voltado para a análise da gramática normativa, em sua perspectiva metalingüística e prescritiva. Dentre os temas mais enfatizados estão classes de palavras, regras ortográficas, tabelas de coletivos, numerais, funções sintáticas dos termos, além dos paradigmas verbais impostos na base da memorização de regras de uma Norma Padrão tida como realização ideal da língua.

Alguns fatores externos motivaram essa tradição. A disciplina Língua Portuguesa passou a integrar os currículos escolares brasileiros, a partir das últimas décadas do século XIX, segundo padrão europeu. O que havia antes era o ensino do Português para a alfabetização, após isso, o grupo social que continuava os estudos na Europa era da classe social mais abastada, de elite, que possuía práticas de leitura e de escrita comuns a seu meio social, que se utilizava, pelo menos na expressão escrita, de uma variedade de língua tida como de prestígio, a mesma que a escola ensinava e queria ver sendo usada. Assim, ensinar o idioma era levar ao conhecimento dos alunos as regras gramaticais de funcionamento dessa variedade lingüística supostamente utilizada por uma elite social.

Em contrapartida, como fator interno, percebe-se que somente uma classe abastada prosseguia seus estudos, iniciava-se, após a alfabetização, na gramática do Latim, ao lado do estudo da retórica e da poética que sempre tiveram uma longa tradição nas escolas de elite. Os estudos superiores, em geral, eram feitos na Europa até o século XIX. Somente no século XX tivemos a criação e expansão de faculdades por aqui. Ao

se passar a ensinar a Língua Portuguesa, oficialmente, seguia-se o modelo conhecido de Gramática greco-latina e que atingia aqueles objetivos propostos.

Após a expansão das oportunidades de ensino às classes menos favorecidas, ainda, na década de 60 e 70, o ensino do Português torna-se o eixo de discussão sobretudo, no que tange ao fracasso da leitura e da escrita pelos alunos nas primeiras séries escolares, culminando em repetência nas séries iniciais (primeira e quinta). Quanto à primeira, caracterizava-se pela dificuldade no processo de alfabetização; ao passo que, na quinta série, sedimentava, a cada ano, a gravidade de falta de apropriação dos padrões de língua escrita, que se exigia de um aluno alfabetizado.

Preocupados com o ensino da língua materna, entidades e/ou órgãos competentes, numa tentativa de reformulação pedagógica, encaminham a questão para a desvalorização do ensino propedêutico. Iniciava-se o momento de valorização da criatividade, desenvolvendo o que se entendia como comunicação e expressão, aliás esse passou a ser o nome dado à disciplina de Português: Comunicação e expressão.

Tal estratégia ainda fugia à realidade, uma vez que o padrão de ensino voltava-se para o universo das crianças das classes abastadas, cuja linguagem, esperava-se, se aproximava da norma culta, ou variante de prestígio.

Na década de 80, com o avanço e influência das pesquisas acadêmicas, iniciadas em Lingüística e em Lingüística do Texto e Análise do discurso, no ensino de Língua Portuguesa, uma nova estratégia foi estabelecida, respaldada por um arcabouço teórico, que sinalizava questões que buscavam explicar e resolver o fracasso do ensino das décadas anteriores, segundo os analistas, devido a:

- a) desconsideração da realidade e dos interesses dos alunos;
- b) excessiva escolarização das atividades de leitura e de produção de textos;
- c) uso do texto como expediente para ensinar valores morais e como pretexto para o tratamento de aspectos gramaticais;
- d) excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas de oralidade e as variedades não padrão;

e) ensino descontextualizado de metalinguagem, normalmente, associado a exercícios mecânicos de identificação de fragmentos lingüísticos em frases soltas;

f) apresentação de uma teoria gramatical inconsistente, incapaz de dar conta de todas as variantes lingüísticas.

Tal tipo de ensino, segundo os analistas, só poderia resultar em fracasso da escola em atender as diferentes classes sociais. Na consideração de Magda Soares, a Escola fracassava porque:

*A escola, como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza a cultura das classes dominantes; assim, o aluno proveniente das classes dominadas nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como 'certos', enquanto os seus próprios padrões são ignorados como inexistentes, ou desprezados como 'errados'. Seu comportamento é avaliado em relação a um 'modelo', que é o comportamento das classes dominantes; os testes e provas a que é submetido são culturalmente preconceituosos, construídos a partir de pressupostos etnocêntricos, que supõe familiaridade com conceitos e informações próprios do universo cultural das classes dominantes. (SOARES, **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**, 2000, p.15)*

Tais conclusões são importantes para as discussões aqui propostas. A Escola mudou seu paradigma aos poucos, e muito se deve hoje aos Parâmetros Curriculares (PCN).

No que concerne à temática aqui tratada, o aproveitamento das HQs na escola, temos que considerar duas etapas, numa primeira houve uma rejeição dos quadrinhos e numa segunda, sua aceitação pelos professores, o que se deve, em parte, à aproximação com outro tipo de texto bastante difundido no meio escolar das primeiras séries: a narrativa. Geralmente associadas à narração, as Histórias em Quadrinhos apresentam um percurso narrativo, aliando o aproveitamento do texto e da imagem em uma complementação.

O registro lingüístico normalmente, é a linguagem do cotidiano, com registro coloquial, pois são focalizadas situações do cotidiano vividas pelos personagens: os temas são ligados ao dia-a dia, - ( nas histórias do personagem HAGAR, o que importa mesmo são as situações do cotidiano: ele, a mulher, os amigos, a vida do dia-a-dia..)-, à

crítica social ou à política, às situações cômicas (ou trágicas, material para humor negro), à sátira a certos tipos humanos e aos costumes. No caso das HQs de humor, a linguagem merece atenção especial, pois o humor tem seu fundamento em (apresentam) jogos lingüísticos como a ambigüidade e ironia, visto que é, por meio deles, que se inferem sentidos inusitados a partir da estruturação textual e os implícitos, que normalmente um leitor não iniciado não consegue captar, se não for um iniciado na arte de ler nas entrelinhas.

Mesmo tendo sido recomendadas e aceitas como objeto de análise e leitura nas escolas, as HQs ainda encontram resistência por parte de alguns professores o que explica o fato de não serem ainda incorporadas ao elenco sistemático de textos com que a escola trabalha. O entretenimento como meta principal e o humor como tom de boa parte das HQs podem ter levado a tal estado: a desvalorização pedagógica, ainda que os PCN, como já dissemos, insistam na necessidade de a Escola oferecer ao aluno oportunidade de se expor aos variados tipos e gêneros textuais, o que só vai contribuir para melhoria de seu letramento.

Nessa Dissertação, estamos considerando a noção de letramento, exposta nos PCN:

*Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torna-las significativas. Ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler e escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas, não existe grau zero de letramento, pois é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas. (BRASIL, MEC / SEF, PCN, 1998, p.19.)*

Essa imagem de relativa facilidade de entretenimento social na leitura das HQs não deve contribuir para uma análise precipitada, nem muito menos ser confundida com baixa qualidade textual, levando a crer que “ a leitura de quadrinhos é muito fácil”. Encontra-se tal crença, por exemplo, em alguns manuais destinados para professores no uso pedagógico de textos.

Diante desse exposto, concluímos que a escola se omitiria ao não explorar todas as potencialidades textuais, uma vez que o preconceito no tratamento dado aos quadrinhos em sala de aula, tem impedido um maior aprofundamento na análise desse gênero. ( ( Continuar daqui..)

Em função disso, neste trabalho, vamos sugerir algumas atividades que contemplem a observação de estratégias com que foram feitos os quadrinhos, que demandam leitura sofisticada, além de exigirem conhecimento prévio e comprometimento do leitor, exigindo do mesmo um componente importante na produção de textual e de sentidos: o reconhecimento de uma intenção. Em se tratando de Histórias em Quadrinhos, em tirinhas, a estratégia de leitura dos sentidos encontra-se subjacente, nas malhas textuais, o que é semelhante ao que diz Ingedore Koch, ao recorrer à metáfora do *iceberg*:

*...o texto possui apenas uma pequena superfície exposta e uma imensa área imersa subjacente. Para se chegar às profundezas do implícito e dele extrair um sentido, faz-se necessário o recurso aos vários sistemas de conhecimento e a ativação de processos e estratégias cognitivas e interacionais. (KOCH, 2003, **O texto e a Construção dos Sentidos**. p.30)*

O trabalho com o texto não é uma atividade aleatória, muito menos descompromissada, uma vez que, através dele, encontramos as pistas textuais que nos levam à edificação da compreensão e da interpretação de sentidos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais, numa tentativa de sistematizar a proposta de trabalho com a leitura, sugerem algumas etapas a serem seguidas. Uma das noções que interessam à nossa proposta é a de **leitura colaborativa** :

*...é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre os índices lingüísticos que dão sustentação aos sentidos atribuídos(...) É particularmente importante que os alunos envolvidos na atividade possam explicitar os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas lingüísticas lhes foi possível realizar tais ou quais **inferências** , antecipar determinados acontecimentos(...) a **inferência** sobre a intenção do autor, são alguns dos aspectos dos conteúdos relacionados à compreensão*

*de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito a contribuir...* (BRASIL, MEC / SEF, PCN, 1998, p.72 e 73).

Um bom texto alicerça-se no equilíbrio entre o dado x novo, ou seja, entre as informações velhas e as informações novas. Um texto em que prevaleçam informações velhas será enfadonho, redundante; ao passo que, outro texto que utilize apenas informações novas, pode se caracterizar como incoerente, faltando-lhe unidade de sentido. O recurso da inferência permite que leitor perceba as **pistas lingüísticas** que levam a conclusões sobre os implícitos textuais.

A leitura colaborativa, com o auxílio do professor, que articula, pontua e ancora as informações que são produzidas pelos alunos, é importante na medida em que tais práticas orientam um estudo e/ou leitura dirigida para o ato de questionar e inferir.

Os questionamentos partem das pistas lingüístico-discursivas, a fim de que se possam ativar os **modelos cognitivos globais**: *frames, esquemas, planos, scripts, cenários*. Esses modelos acionarão blocos organizados cognitivamente, através do nosso percurso cultural, experienciando emoções, instituições, atitudes, cerimônias, religiões, práticas, conhecimentos que nos rodeiam e consultados a todo o momento, sobretudo na prática de leitura.

Nas atividades com as Histórias em Quadrinhos como prática interdisciplinar, o professor pode articular seu trabalho com o professor de Artes Plásticas, dando à produção textual um realce especial: produzir tiras criadas, com personagens fixos, autônomos, com histórias de vida próximas às das crianças, levando em conta o contexto social, o ambiente estimulador, as práticas e as ideologias vividas em comunidade. Criar uma história em quadrinhos próximo da realidade da criança ou do jovem será, possivelmente, bastante motivador.

O trabalho com esse gênero, conciliado a narrativa (um tipo de texto facilmente explorado pelos alunos), pode desencadear uma atividade lúdica (humor) e inusitada, visto que o ato de poder dar vida, identidade, profissão ou atividade aos personagens impulsiona o aluno a raciocinar, articular, desenhar, criar roteiros, enfim praticar a língua.

Outra atividade muito produtiva, vista como uma prescrição dos PCN, é o trabalho com as inferências. Por se tratar de um texto curto, geralmente, em três ou quatro quadros, o aluno precisa ativar os modelos cognitivos globais no ato interpretativo. As pistas lingüísticas somadas às saliências textuais fazem com que o aluno ative a noção dos pressupostos e dos subentendidos.

Quanto à parte formal, o aluno pode Interpretar o contorno do balão, as onomatopéias, as palavras que flutuam, a espessura do traço da linha do texto escrito, o balão irregular, sua disposição no espaço, cronologia das falas (de cima para baixo, da esquerda para direita, do plano posterior para o segundo plano). Será útil que, em uma das atividades, o professor quebre a expectativa, omitindo um quadro e direcionando o comando ao aluno para que crie o próximo quadro -(um dos pré-requisitos para o aluno é saber que o texto das HQs é sempre lacunar)-, com as palavras-chave que vão desmembrar o humor da história.

Um terceiro momento do trabalho com o texto repousa sobre o fator de interpretar apenas a imagem, ou seja, o não-verbal. O professor pode apagar os balões e sugerir que os alunos façam a leitura, seguida ou não da atividade de produção das falas dos mesmos balões que outrora estavam apagados.

Em se tratando de um Projeto ou Feira Cultural, o professor de Língua Portuguesa teria a oportunidade de abordar temas polêmicos ou fazer uma campanha educacional com a colaboração de colegas de História, Geografia, Biologia, Matemática, entre outros. Essa prática interdisciplinar permite à Escola compreender que o Professor de Português não é o único responsável pelo trabalho de desenvolver a leitura do aluno em sala de aula. Todas as disciplinas têm compromisso com a arte da leitura de seus textos e de seus contratos comunicativos específicos.

A seguir, algumas propostas para a leitura e a interpretação de *tirinhas*:

**Propostas:**

Texto 1



Há no quadrinho um forte apelo para a linguagem não-verbal. Baseando-se na leitura, responda:

- O que sugere a expressão facial de Hagar?
- O tamanho da letra pode ser interpretado a partir de qual intencionalidade do personagem?
- Por que a fala cinco não tem balãozinho nem mesmo quadrinho?
- Como se consegue o efeito de humor no último quadrinho? Explique.

Objetivo: - reconhecer os efeitos decorrentes do uso de recursos gráficos, sonoros, semânticos ou estilísticos;

- relacionar, na análise e compreensão do texto, informações verbais às não verbais.



## Texto 2



Levando-se em conta o tipo de relação entre Hagar e Helga:

- Por que o discurso de Helga é irônico?
- Qual das alternativas, sugeridas por Hagar pode ser representativa de um discurso acentuado pela ironia? Justifique.
- Hagar, no último quadrinho, foi coerente ao responder a alternativa c ?
- O que o levou a escolher tal opção?

Objetivo: - estabelecer relação de causa / consequência, fato / opinião;  
- inferir informação implícita no texto.

## Texto 3



Considerando a especificidade da tira como micronarrativa que utiliza duas linguagens de naturezas distintas:

- Que postura Hagar tem em relação aos livros?
- O que há de subentendido no último quadrinho?
- Que aspecto textual comprova tal implícito?

Objetivos: - inferir informações implícita no texto.

#### Texto 4



Há dois jovens conversando sobre relacionamento amoroso.

- É bem provável que eles estejam onde?
- O que sugerem os símbolos das notas musicais próximos aos personagens?

- c) A resposta da jovem parece contraditória à pergunta do amigo?
- d) Que fato comprova tal contradição?

Objetivos: - reconhecer os efeitos semânticos decorrentes do uso de recursos gráficos, sonoros, semânticos ou estilísticos.

- inferir informação implícita no texto.

### Texto 5



Algumas vezes, uma história em quadrinhos apela apenas para o texto não-verbal.

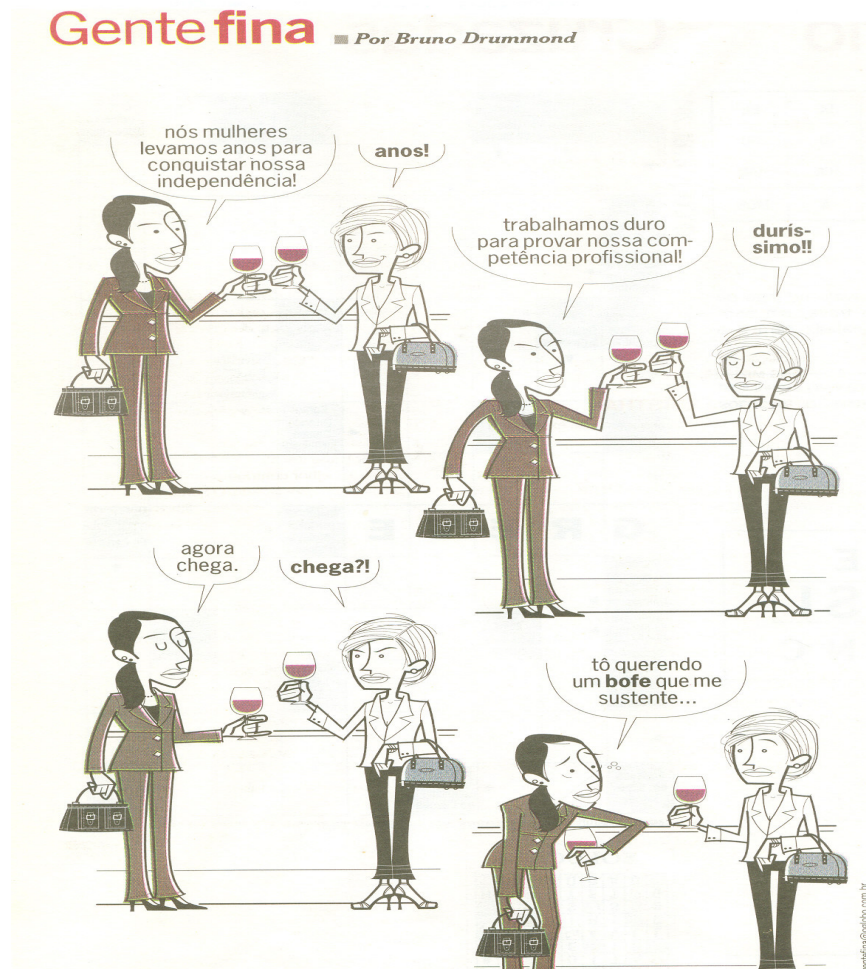
Dessa forma, cabe ao leitor inferir a leitura, recorrendo aos implícitos.

- a) O que significa a onomatopéia no quadrinho 1 ?
- b) O que sugerem as estrelinhas ao redor da cabeça de Hagar?
- c) Crie balões relacionados ao Hagar, ilustrando o que o personagem está pensando.

Objetivos: - reconhecer os efeitos decorrentes do uso de recursos gráficos, sonoros, semânticos ou estilísticos;

- criar balões, traduzindo características da linguagem verbal.

## Texto 6



Com base no texto não-verbal:

- A que classe social o quadrinho faz referência? Explique.
- De acordo com o dicionário Luft (2000), o verbete *bofe* acarreta as seguintes acepções:

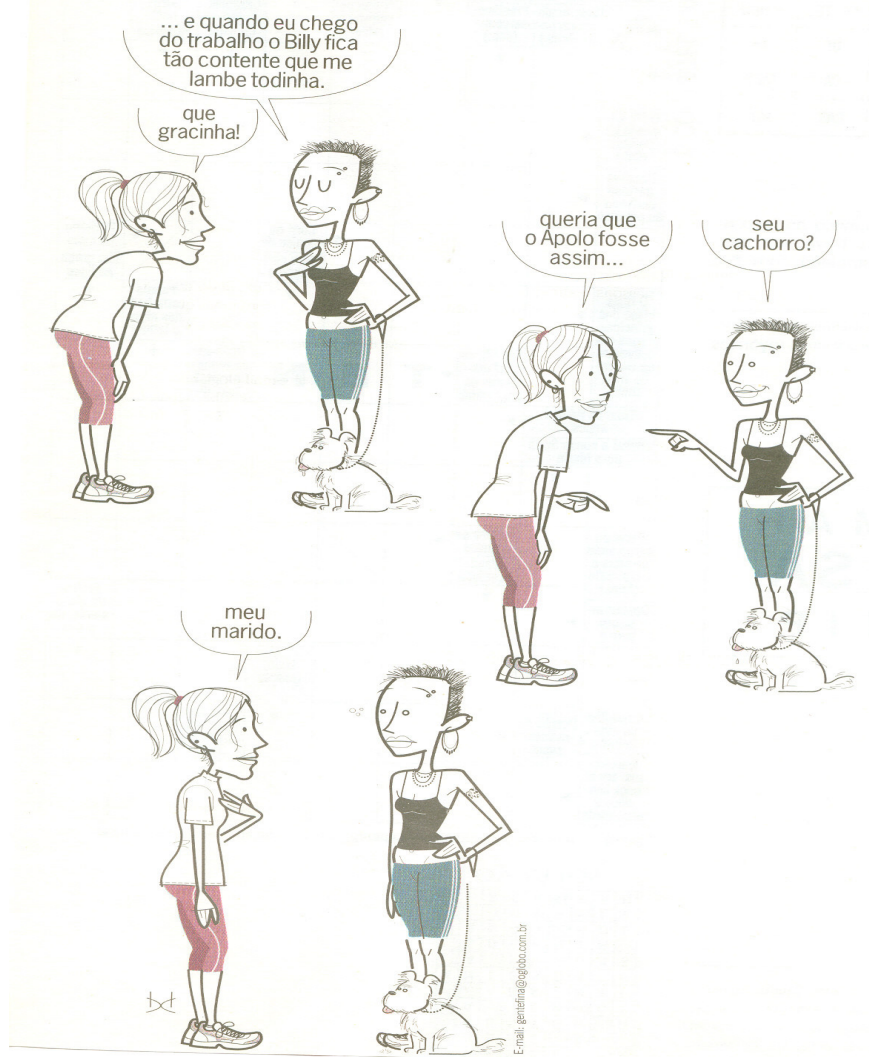
1.(pop.) pulmão. 2 (pop.) mulher ou homem sematrativos. 3 (gír.) entre homossexuais, homem bonito que não é do meio. 4. víceras dos animais; pacuera. 5.(pop.) gênio; índole (indivíduo de maus bofes). Qual das acepções acima pode se adequar ao contexto discursivo. Justifique.

Objetivos: - inferir informações implícita no texto;

- inferir efeito de sentido de uma palavra ou pressão contextualizada.

Texto 7

**Gente fina** ■ Por Bruno Drummond



Observando o contexto discursivo que ampara o diálogo entre as duas amigas:

- Aponte a ambigüidade instaurada no texto.
- Que aspecto gramatical possibilitou a duplicidade de sentido? Justifique.

Objetivo: valorizar todos os tipos de estratégias que decodifiquem os implícitos textuais, a partir de indícios linguístico-discursivos, sobretudo os casos de ambigüidade, humor / ironia, polifonia e intertextualidade.

## Texto 8



A narrativa aborda o personagem num dilema a respeito do estado de conservação do barco velho e a aquisição de um barco novo.

a) Helga é categórica, ao afirmar que o barco deve ser vendido e uma casa nova deve ser comprada. Qual valor semântico dos adjetivos é atribuído aos substantivos *barco* e *casa*, levando-se em conta o contexto discursivo?

b) Sabendo-se que uma narrativa em quadrinhos é composta de texto verbal e texto não-verbal, interprete o formato dos balões dos quadros 2 e 4, observando o estado emocional do personagem Hagar.

Objetivo: - reconhecer marcas, valores e intenções dos produtores em função de seus interesses políticos, ideológicos e econômicos, expressos linguisticamente.

Texto 9

## QUADRINHOS DE DOMINGO

### HAGAR, o horrível

Chris



Num diálogo entre Helga e Eddie, instaura-se uma reflexão acerca do casamento. Hagar aconselha Eddie a contrair o matrimônio.

- Transcreva as passagens que ilustram o casamento pelo prisma positivo.
- Levando-se em conta o tipo de relacionamento entre Hagar e Helga, por que razão Hagar foge no último quadrinho? O que há de subentendido?

Objetivo: - inferir informações implícita no texto;

- perceber a importância da imagem na construção do sentido do texto.

## 7. CONCLUSÃO

A atividade de leitura em sala de aula, em toda sua complexidade, como sabemos, não é uma tarefa fácil para o professor de Língua Portuguesa, mas também não deve ser uma tarefa enfadonha e improdutiva. Os PCN prescrevem que as práticas de leitura e produção de textos não devem limitar-se a um gênero específico, já que a pluralidade textual possibilita o leque de ferramentas que interagem nas relações sociais, permitindo a ampliação dos horizontes do aluno.

Pode-se perceber que, embora muitos compêndios escolares manifestem uma preocupação com a renovação didática e a proposta de trabalho diversificado, a partir do ensino dos gêneros discursivos e tipos textuais; ainda há autores que utilizam as histórias em quadrinhos (HQs), meramente com a simples finalidade ilustrativa ou como práticas de diversão e entretenimento ou, até mesmo, como pretexto para a cobrança de conteúdos, com forte apelo para o ensino de metalinguagem em si mesma.

Alguns produtores de livros didáticos se reservam o direito de não serem tachados de “tradicionais”. Eles utilizam o texto das HQs com o subterfúgio de que a proposta didática tem como expediente a pluralidade textual. Aleatoriamente, somando-se aos quadrinhos, temos charges, propagandas, bulas, bilhetes, cartas, músicas, encartes etc., mas, em se tratando de atividade – perpetuada por uma tradição gramatical ou por uma carência teórica de base lingüística – os mesmos autores incidem no uso inadequado do texto em sala de aula.

O trabalho com o texto não pode limitar-se a uma prática arraigada a uma certa tradição, nem mesmo se deve considerar o texto como pretexto ou exemplificação da Gramática da frase e sim promover um ensino produtivo que permita dotar os alunos de uma sólida capacidade de manejo com o texto, propiciando enriquecer o repertório, socializar os gêneros discursivos, solidificar os tipos textuais, desvendar os implícitos, ativar e estimular, cognitivamente as inferências, bem como outras estratégias de leitura.

A perspectiva teórica desse trabalho tentou explicitar as marcas enunciativo-discursivas pertinentes nas práticas de leitura e produção de textos. A nossa preocupação



consistiu em destacar aspectos teóricos com vista a uma aplicabilidade, determinando, dessa maneira, expedientes que permitem uma melhor interpretação de alguns aspectos pertinentes ao texto: as marcas da enunciação e as marcas do discurso.

A dissertação propôs uma leitura de texto como discurso, focalizando aspectos ainda pouco trabalhados em sala de aula: as estratégias inferenciais que ocorrem na leitura. Deve-se entender por inferência o processo cognitivo a que o leitor recorre na prática da leitura, a compreensão e interpretação de textos, recuperando os sentidos implícitos através da análise de pistas enunciativo-discursivas: pressupostos, subentendidos, ambigüidade, ironia e polifonia.

Aliando texto verbal ao texto não-verbal, essa dissertação postula que, com base no arcabouço teórico da Teoria da Enunciação e da Linguística do Texto, as histórias em quadrinhos compõem um gênero discursivo específico, que obedece aos padrões do texto narrativo, que pode ser analisado levando-se em conta aspectos diversos. É possível realizar um trabalho produtivo com esse gênero que, de certa forma, é relegado ao aspecto lúdico nos livros didáticos.

No momento em que se propõe uma re-leitura das HQs, patenteando sua disseminação como gênero e como tipo textual, convém destacar as múltiplas possibilidades de leitura que estão implícitas nesse texto. Ao falar de inferência, do ponto de vista cognitivo, implica relacioná-la à sua materialização discursiva. Essa pesquisa relaciona todos os implícitos que podem estar submersos na atividade de desvendamento do texto; ou seja, todas as marcas enunciativo-discursivas que exigem o processamento da cognição inferencial. Marcas essas que recuperam os *gaps* (lacunas) e/ou vazios textuais que o leitor proficiente precisa preencher para alicerçar e ancorar as informações que surgem, conforme a progressão textual.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Antônio Suárez . *A Arte de Argumentar: gerenciando razão e emoção* . 5ed.S.P.:Ateliê Editorial , 2002.

\_\_\_\_\_ . *Curso de Redação*.S.P.: Ática , 1996.

AUSTIN, J.L. *How to do things with words*. N.York, Oxford, University Press,1965.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*.2 ed.S.P.: Martins Fontes, [1953] 1997.

\_\_\_\_\_ . *Marxismo e Filosofia da Linguagem* . s/ed. S.P.: Hucitec, [1929] 2004.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*.37ed.R.J.: Lucerna, 1999.

BEAGRANDE, R de & DRESSLER. *Introducion text lingustics*. Londres: Longman,1981.

BENVENISTE,Émile.*Problemasde Lingüística Geral*.s/ed. S.P. Editora Nacional,1976.

BRONCKART. J.P.*Atividades de linguagem, texto e discursos*. S.P.: Educ, 1999.

CARNEIRO, Agostinho Dias.*Redação em Construção :A escritura do texto* .1ed. S.P.:Moderna, 1993.

\_\_\_\_\_ . *Texto em Construção :Interpretação de Texto*. 2ed. S.P.: Moderna, 1996.

CEREJA & MAGALHÃES. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos*. S.P .: Atual, 2000.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*.8ed.S.P.:Ática , 2004.

CHARAUDEAU.Patrick.*Langage et discours:elementsdesémiolinguistique*. Paris:Hachett1983.

\_\_\_\_\_ .*Grammaire du sens et de l'expression*.Paris, Hachette,1992.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia* .2ed. S.P.: Brasiliense, 2003.

DIJK, Teun. A.V. *Cognição, Discurso e Interação*. S.P .: Contexto,2000.

DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*.s/ed. Campinas, S.P.: Editora Pontes , 1987.

DIONÍSIO, Ângela Paiva et alli. *Gêneros Textuais e Ensino* .3 ed. R.J.: Lucerna , 2005.

FÁVERO, Leonor Lopes .*Coesão e Coerência Textuais* .4 ed. S.P.: Ática, 1997.

\_\_\_\_\_ & Koch . *Lingüística Textual : Introdução*. 4ed. S.P.: Cortez, 1998.

FIORIN, José Luiz. *Astúcias da Enunciação*.2 ed. S.P.:Ática , 1999.

\_\_\_\_\_ .*Elementos de Análise do Discurso*.7ed.S.P.:Contexto,1999.

\_\_\_\_\_ .*Linguagem e Ideologia* .7ed.S.P.: Ática, 2003.

- GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna*. 17ed. R.J.: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GERALDI, João Wanderley. *O Texto na Sala de Aula*. 3ed. S.P.: Ática, 1999.
- ILARI, Rodolfo & GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 9ed. S.P.: Ática, 1999.
- KLEIMAM, Ângela. *Oficina de Leitura : Teoria e Prática*. 7ed. Campinas, S.P.: Editora Pontes, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Texto & Leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. 9ed. Campinas, S.P.: Editora Pontes, 2004.
- KOCH, Ingedore. *Argumentação e Linguagem*. 9ed. S.P.: Cortez, 2004.
- \_\_\_\_\_. *A Inter-Ação pela Linguagem*. 5 ed. S.P.: Contexto, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O Texto e Construção dos Sentidos*. 7ed. S.P.: Contexto, 2003.
- \_\_\_\_\_. & TRAVAGLIA. *A Coerência Textual*. 11ed. S.P.: Contexto, 2001.
- KOCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia Científica. Teoria da ciência e prática da pesquisa*. s/ed. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1997.
- MARCUSCHI. Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 4ed. S.P.: Ática, 1998.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ed. S.P.: Editora Pontes, 1997.
- PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino & GAVAZZI, Sigrid. *Da Língua ao Discurso- reflexões para o ensino*. R.J.: Lucerna, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Texto e Discurso: Mídia, Literatura e Ensino*. R.J.: Lucerna, 2003
- PLATÃO, Francisco & FIORIN, José Luiz. *Para Entender o Texto : Leitura e Redação*. 7ed. S.P.: Ática, 2003.
- POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua – Análises Lingüísticas de Piadas*. Campinas. S.P.: Mercado das Letras, 1998.
- SANTANA, Affonso Romano. *Paródia, Paráfrase & Cia*. 7ed. S.P.: Ática, 1999.
- SANTOS, Leonor Werneck dos. *Articulação Textual na Literatura Infantil e Juvenil*. R.J.: Lucerna, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Discurso, Coesão e Argumentação*. R.J.: Oficina do Autor, 1996.
- SOARES. Magda. *Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social*. 17ed. S.P.: Ática, 2000.
- TERRA, Ernani. *Práticas de linguagem: leitura e produção de textos*. S.P.: Scipione, 2001.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: Uma Proposta Para o Ensino de Gramática no 1 e 2 graus*. 3ed. S.P.: Cortez, 1997.

VALENTE, André. *A Linguagem Nossa de Cada Dia* . Petrópolis , R.J.: Vozes, 1997.

VANOYE, Francis. *Usos de Linguagem : Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. 11ed. S.P.: Martins Fontes,1998.

VOESE, Ingo.*Análise do discurso e ensino de língua portuguesa*.S.P.: Cortez Editora, 2004.

MESSIAS, Alessandro da Silva. *Marcas enunciativo-discursivas nas Histórias em Quadrinhos (HQs): Uma proposta de leitura de texto como discurso*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.

## RESUMO

Esta pesquisa que tem por fim analisar o texto como discurso, propõe-se, como objetivo, estudar as marcas enunciativo-discursivas das Histórias em Quadrinhos (HQs), abordando, para tanto, propostas de ensino-aprendizagem e aplicabilidade didático-pedagógica da Gramática Textual, como prescrevem os PCN; dessa forma, viabiliza, não só as práticas de leitura e escuta de textos orais, mas também as práticas de compreensão, interpretação e produção de textos escritos. A base teórica da pesquisa envereda-se pela teoria lingüística voltada para o discurso, priorizando as contribuições de Bakhtin, Benveniste, Ducrot, Maingueneau e Charaudeau, bem como os constructos teóricos de Ingedore Koch e Angela Kleiman. A pesquisa tem por base uma análise qualitativa dos dados, embora utilize um tratamento quantitativo, cujos resultados estão demonstrados nos gráficos e nos resultados estatísticos, que demonstram o rigor acadêmico da investigação e da pertinência teórica.

MESSIAS, Alessandro da Silva . *Marcas enunciativo-discursivas nas Histórias em Quadrinhos (HQs): Uma proposta de leitura de texto como discurso*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.

### **ABSTRACT**

This search intends to study the enunciative- discursive marks of Histórias em Quadrinhos (HQs), in order to propose an applicability to the teaching, from Text Grammar, like prescribing the PCN; this way it returns not only the practice of reading and listening of oral texts, but the practice of comprehension, interpretation and production of written texts, too. The theoretical base of this search is the Enunciative theory, specially authors like Bakhtin, Benveniste, Ducrot, Maingueneau and Charaudeau, and from the Linguistic of Text, Ingedore Koch and Angela Kleiman. The search intends to make a qualitative analysis, however it uses a quantity treatment, with graphics and statistics, that demonstrates the academic of investigation and theoretical pertinence.



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)



[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)